



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

RAFAEL BRUNO RODRIGUES DOS REIS

**AS MEMÓRIAS DO SR. PENANTE:
UMA DRAMATURGIA SOBRE O ATOR JOSÉ DE LIMA PENANTE E O
TEATRO PARAENSE DO SÉCULO XIX**

Belém-PA

2024

RAFAEL BRUNO RODRIGUES DOS REIS

**AS MEMÓRIAS DO SR. PENANTE:
UMA DRAMATURGIA SOBRE O ATOR JOSÉ DE LIMA PENANTE E O
TEATRO PARAENSE DO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará, como requisito básico para obtenção de título de Licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra.

Belém-PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

R375m Reis, Rafael Bruno Rodrigues dos

As memórias do Sr. Penante: uma dramaturgia sobre o ator José de Lima Penante e o teatro paraense do século XIX / Rafael Bruno Rodrigues dos Reis. 2024.

60 f.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2024.

1. Teatro – Século XIX - Pará. 2. Literatura brasileira - Teatro. 3. Dramaturgia. 4. Título.

CDD - 23. ed. 792.098115

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de novembro de dois mil e vinte e quatro, às quinze horas, reuniu-se, na sala 6, na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Dr. JOSÉ DENIS DE OLIVEIRA BEZERRA (Orientador e Presidente), Profa. Dra. ANDREA CARVALHO STARK (Examinadora externa), Profa. Me. THAIS VASCONCELOS FRANCO DE SÁ ÁVILA (Examinadora externa) e Profa. Dra. VALÉRIA FROTA DE ANDRADE (Examinadora interna), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno RAFAEL BRUNO RODRIGUES DOS REIS, matrícula 201911240013, intitulado: "As Memórias do Sr. Penante: uma dramaturgia sobre o ator José de Lima Penante e o teatro paraense do século XIX". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi Aprovado com conceito Excelente, feitas as seguintes observações: o discente deve realizar algumas correções solicitadas pelas avaliadoras; a banca destaca a importância da pesquisa para a área do teatro e indica o trabalho para publicação e, após constar, foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, será assinada pela presidente e pelos demais membros da banca examinadora.

Belém, 4 de novembro de 2024.

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra (Orientador e Presidente)

Documento assinado digitalmente
gov.br ANDREA CARVALHO DOS SANTOS
Data: 04/11/2024 21:33:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Andrea Carvalho Stark (Examinadora externa)

Documento assinado digitalmente
gov.br THAIS VASCONCELOS FRANCO DE SA AVILA
Data: 04/11/2024 21:53:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Thais Vasconcelos Franco de Sá Ávila (Examinadora externa)

Profa. Dra. Valéria Frota de Andrade (Examinadora interna)

AGRADECIMENTOS

A Deus, luz para as minhas escuridões e proteção de todas as minhas batalhas; e à Nossa Senhora que me conduz por todos os obstáculos com muito amor e cuidado.

Aos meus pais, Daniel e Sandra, e meus irmãos Diovana e Rodrigo, que são minha base, minha força vital de cada dia.

À Márcia Helena, que trilhou comigo durante esses anos de curso, sempre me apoiando.

À amizade construída na Comunidade São Mateus da Paróquia Divino Espírito Santo, que me proporcionou uma experiência comunitária como coordenador. Destaco aqui minha base pastoral, o grupo de Jovens Defensores da Fé, verdadeiros amigos que me trazem alegria e estresse, equilíbrio para a alma e para o corpo.

Aos meus alunos e coordenação da escola Consuelo Coelho e Souza, pelo acolhimento durante meus estágios e projetos.

À Universidade Federal do Pará, lugar de construção profissional, crítica e parceira, por meio de todos os professores que contribuíram para minha formação.

A todos os meus colegas e amigos do curso, em especial à minha panela original “Os Antígonas”: Silvia Lima, Lais Oliveira, Rafaela Aviz, Samily Caroline, Leon Trindade, Jerry Santos, Leandro Carlos e Ranielle Santos. Sinto saudades. Amo vocês!

À Fernanda Falcão e Lilly Silva que se tornaram grandes confidentes neste curso.

Aos meus amigos e colegas de trabalho da Presságios Produções: Claudia Maués, Élcio Lima, Joey Manoel, Thyago Ramos e Patrícia Rodriguez.

Aos meus amigos que o curso Técnico em Teatro me proporcionou.

A todos os integrantes da Cia Terceiro Sino e do Musical “Julie e os fantasmas” pela experiência profissional mais divertida. A todos do Pássaro Japiim, grupo da cultura popular que participo, e ao MTJ, meus mais novos xodós teatrais que me trazem experiências ímpares.

Ao professor e meu orientador Denis Bezerra, que acreditou no potencial existente em mim e aos integrantes do Grupo de Pesquisa Perau.

E a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram com a minha formação acadêmica e social. A todos vocês meu muito obrigado!

RESUMO

REIS, Rafael Bruno Rodrigues dos. **As memórias do Sr. Penante**: uma dramaturgia sobre o ator José de Lima Penante e o teatro paraense do século XIX. 60 f. 2024. Monografia (Licenciatura em Teatro) – Escola de Teatro e Dança, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

Este estudo propõe descrever e refletir sobre o processo criativo da peça *As memórias do Sr. Penante* como espaço de pesquisa e valorização das memórias das artes da cena paraense e do ator José de Lima Penante, por meio da pesquisa bibliográfica e documental, além de refletir sobre o processo aos olhos de um pesquisador-dramaturgo, acompanhado de uma pesquisa historiográfica. O caminho metodológico é dividido em quatro etapas: 1 – Levantamento bibliográfico e documental; 2 – Análise dos dados do material levantado; 3 – Desenvolvimento criativo da peça; e 4 – A obra em destaque. Neste levantamento inicial, três obras são o pilar investigativo, pois retratam pedaços da trajetória do artista Lima Penante (Salles, 1994; 2000; Ávila, 2019). Construir este texto dramático de cunho histórico-biográfico foi, na realidade, o ato de pesquisar os vestígios e rastros da história de Lima Penante deixados pelos acontecimentos históricos e fixados em fontes bibliográficas e documentais (Magalhães, 2019). Foram as personagens interpretadas por ele que caracterizaram um dos motores embrionários na construção da narrativa dramática, considerando como elementos essenciais da dramaturgia o tema, o enredo, as personagens, o espaço, o tempo e as ações dramáticas. Na peça criada nesta pesquisa, o protagonista representa o próprio ator no ano de 1892, ano de seu falecimento. Suas personagens ganham vida para contar a memória de nosso primeiro ator profissional que traçou um percurso fora do Estado, conforme Vicente Salles. Os resultados oriundos desse processo de pesquisa oportunizaram construir, não somente a peça, mas desdobramentos acadêmicos, performáticos e pedagógicos em teatro. Este estudo enfatiza a importância da pesquisa historiográfica na área do teatro paraense, assim como o estudo da dramaturgia histórica de figuras importantes que ainda precisam de um olhar atencioso. *As memórias do Sr. Penante* é uma peça teatral, em potencial, que pode provocar reflexões, debates, estudos e propagação cultural na área do teatro sob esta versão dramatúrgica e os desdobramentos que ela pode possibilitar futuramente.

Palavras-chave: José de Lima Penante. Dramaturgia. Teatro paraense do século XIX.

ABSTRACT

DOS REIS, Rafael Bruno Rodrigues. **The Memories of Mr. Penante**: A Play about Actor José de Lima Penante and 19th-Century Pará Theater. 61f. 2024. Monograph (Bachelor's Degree in Theater) – School of Theater and Dance, Institute of Arts and Sciences, Federal University of Pará, Belém, 2024.

This study aims to describe and reflect on the creative process of the play *The Memories of Mr. Penante* as a research space that values the memories of Pará's performing arts and the actor José de Lima Penante. Through bibliographic and documentary research, as well as historiographical reflection, the study examines this process from the perspective of a researcher-playwright. The methodological pathway is divided into four stages: 1 – Bibliographic and documentary research; 2 – Analysis of collected data; 3 – Creative development of the play; and 4 – Presentation of the final work. Three key works serve as the investigative foundation, as they portray fragments of the artist Lima Penante's trajectory (Salles, 1994; 2000; Ávila, 2019). Crafting this historically biographical dramatic text was, in essence, an act of uncovering the traces and remnants of Lima Penante's history left in historical events and preserved in bibliographic and documentary sources (Magalhães, 2019). The characters he portrayed were one of the primary driving forces in constructing the dramatic narrative, considering the theme, plot, characters, setting, time, and dramatic actions as essential dramaturgical elements. In the play developed for this research, the protagonist represents the actor himself in the year 1892, the year of his death. His characters come to life to recount the memory of Pará's first professional actor, who ventured beyond the state, as highlighted by Vicente Salles. The outcomes of this research process facilitated not only the creation of the play but also academic, performative, and pedagogical developments in theater. This study underscores the significance of historiographical research in Pará theater and the exploration of historical dramaturgy surrounding important figures who still require greater scholarly attention. *The Memories of Mr. Penante* is a theatrical work with the potential to inspire reflections, debates, studies, and cultural dissemination within the field of theater through this dramaturgical version and the possibilities it may generate in the future.

Keywords: José de Lima Penante. Dramaturgy. 19th-Century Pará Theater.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. AS MEMÓRIAS DO SR. PENANTE.....	11
2. O PROCESSO CRIATIVO DO PESQUISADOR-DRAMATURGO.....	40
2.1. O PROTAGONISTA E SUA MEMÓRIA.....	45
2.2. AS DRAMATURGIAS PENANTEANAS E O PROCESSO DE ENSINO EM TEATRO.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

INTRODUÇÃO

Inicialmente gostaria de pedir permissão para esclarecer, em primeira pessoa, que não sou historiador por formação, mas que à luz dos estudos historiográficos e da memória trilhei um caminho que me levou a uma criação artística baseada em fatos e fontes históricas documentais sobre o teatro no Pará. Também é importante mencionar que o produto dramático deste trabalho não corresponde inteiramente aos fatos, mas se utiliza deles para fomentar uma criação ficcional, ao mesmo tempo histórica e biográfica, sobre o ator José de Lima Penante e o teatro paraense do século XIX, objetos de pesquisa deste trabalho.

A gênese desta pesquisa embarca na viagem historiográfica de uma Belém do século XIX, ancorada em disciplinas do Curso Técnico em Teatro e da Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Pará (UFPA), em meio à crise pandêmica da COVID-19. No decorrer dessas disciplinas, observei que trabalhos sobre as histórias do teatro no Pará do século XIX, sob a ótica do artista da cena, eram poucos. Percebi isso quando realizei uma pesquisa sobre a história de um artista belenense da época: José de Lima Penante (1840-1892).

Para mais, cito aqui a pesquisadora e artista da cena manauara, Thais Vasconcelos de Sá Ávila (2019), que realizou uma pesquisa em seu mestrado investigando a passagem deste ator e dramaturgo na cena teatral do Amazonas, constatando que, apesar da relevante presença do artista nas regiões Norte e Nordeste no século XIX, é importante para a história do teatro brasileiro que se faça a reconstituição de seus passos, pois ainda não há um reconhecimento merecido ao lado de outras figuras importantes do período.

Apesar de o teatro na região amazônica existir desde a época da colonização, para Bezerra (2013, p. 34), sua história é vista como uma versão paralela à história “oficial” do teatro no Brasil, porque a região Sudeste tornou-se modelo e referência de estudos da prática artística: “Isso mostra tanto um desconhecimento da produção cênica na Amazônia, quanto uma postura política, de autodefinição e autoafirmação. Seria melhor esses estudiosos falarem em uma história do teatro sulista e não brasileiro”.

Olhando para este cenário, que por um bom tempo esteve associado às regiões mais ao Sul do país, compreendemos que a construção da história teatral do Norte do Brasil está em movência. A nossa história teatral na Amazônia está sendo construída graças aos nossos desejos de nos vermos incluídos neste panorama. E por esse motivo, esta pesquisa pretende se destacar

como mais uma referência sobre a história de nossa arte, por meio do estudo sobre José de Lima Penante.

Esse fenômeno historiográfico, que retrata o passado reconstutivo e representativo do artista em específico, é de uma carga sempre incompleta, cheia de lacunas que precisam ser preenchidas, mas que nunca o são, pois a história não trata do absoluto do passado, mas da análise crítica de seus rastros (Nora, 1993). Por existir essas lacunas, nos possibilitou questionar-nos se poderíamos, além de investigar sua trajetória de vida e trabalho, contribuir para o não-apagamento, mas sim propagar a sua história e do teatro paraense oitocentista. Essas indagações me fizeram pensar na criação de uma dramaturgia para falar sobre esses temas.

Surgiu, então, dentro das ações do Grupo de Pesquisa Perau – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/CNPq,¹ no decorrer do curso de Licenciatura em Teatro e do curso Técnico em Teatro da UFPA, projetos e planos de trabalho objetivando estudar e elaborar uma peça teatral sobre Lima Penante. A presente monografia de conclusão de curso propõe compartilhar o resultado dessas pesquisas a partir da dramaturgia *As memórias do Sr. Penante* e tentar responder nossos questionamentos: Como foi o processo criativo da peça? O que a elaboração dela pode sugerir para próximos processos artístico-pedagógicos que utilizam da pesquisa em memória e história paraense?

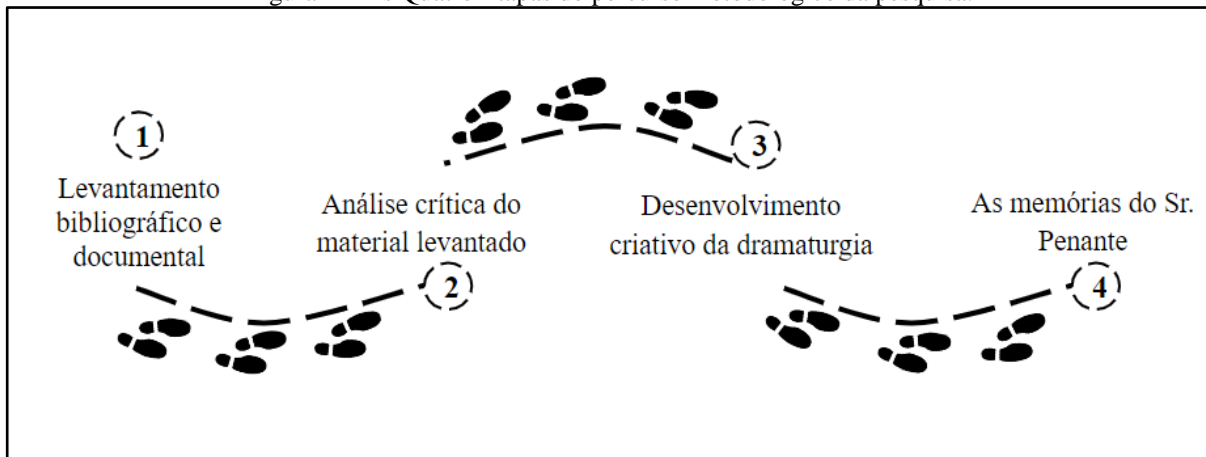
Propomos, enquanto objetivo geral, descrever e refletir sobre o processo criativo da peça *As memórias do Sr. Penante* como espaço de pesquisa e valorização das memórias das artes da cena paraense. Diante disso, é imprescindível descrever as contribuições que as pesquisas bibliográfica e documental trouxeram na elaboração da peça, e refletir sobre o processo de criação de um pesquisador-dramaturgo, a partir da pesquisa historiográfica.

Numa breve caminhada pela estrada das histórias paraenses do teatro, observamos que a natureza do objeto nesta pesquisa dependia das narrativas, significados, motivos, valores e atitudes correspondentes a um universo de relações, processos e fenômenos mais profundos, ou seja, necessitava de uma abordagem qualitativa, apoiando-se numa não-quantificação das variáveis (Minayo, 2002). Para tal, decidi caminhar por entre a pesquisa bibliográfica, documental e historiográfica, além da ideia de processo de criação, amparada por alguns

¹ Segundo seu projeto de pesquisa “Artes Cênicas: memórias, histórias em interfaces culturais na Amazônia”, o Grupo de Pesquisa desenvolve suas ações por meio de seus projetos de pesquisa e de extensão, e de atividades de ensino, através dos cursos de graduação, Licenciatura em Teatro, de nível técnico, Técnico em Teatro, ambos da Escola de Teatro e Dança; e da Pós-graduação em Artes, acadêmico/PPGARTES do Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Dessa maneira, articula seu trabalho a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão. Na Pós-graduação, suas produções científicas, técnicas e artísticas contribuem com a linha de pesquisa “Memórias, Histórias e Educação em Artes” do PPGARTES, contribuindo com o desenvolvimento de novas pesquisas sobre Memória, História e Artes Cênicas, em especial, mas sempre em diálogo com o campo das Artes de forma ampla, privilegiando a região amazônica, como lugar onde se faz e se produz pesquisa.

autores, na construção da dramaturgia. Nossa investigação pautou-se, metodologicamente, em quatro etapas (Figura 1):

Figura 1 – As Quatro Etapas do percurso metodológico da pesquisa.



Fonte: Do autor, 2024.

1. A pesquisa bibliográfica e documental, para coleta de dados, foi o primeiro passo desta investigação. Há uma singela diferença entre elas, onde a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 48), enquanto que a pesquisa documental “recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias” (Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009, p. 6). Através desta etapa, realizamos um estudo sobre a poética teatral do século XIX na Amazônia paraense, no contexto em que Lima Penante atuava, buscando compreender as atividades teatrais e seus *modi operandi*. As fontes pesquisadas vieram de diferentes origens, principalmente de meio virtual durante a pandemia da COVID-19. Os sites da internet tornaram-se resquícios de um lugar de memória do ator, apesar de ter vivido apenas no século XIX.

2. A análise crítica do material é a fase na qual, após reunir as informações bibliográficas e documentais, foi feita a análise do percurso de vida pessoal e profissional de Lima Penante. Não só o seu trabalho como ator, mas também como dramaturgo tiveram destaques aqui. As dramaturgias penanteanas (assim chamadas por mim), foram analisadas e discutidas com nosso olhar contemporâneo, surgindo dessa perspectiva um trabalho que atracou nas salas de ensino formal com oficinas pedagógicas, contribuindo, também, para a elaboração da peça. Nesta fase, fundamentamos a análise baseada na pesquisa historiográfica e da História Cultural que, segundo Chartier (2002, p. 16-17), se preocupa em “identificar os modos como,

em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

3. A terceira etapa representou o **desenvolvimento criativo da dramaturgia**, desde sua gênese e propósito de criação, perpassando diferentes Planos de Trabalho de Iniciação Artística e Científica da UFPA,² até seus ajustes finais. Nesta etapa, caminhamos juntos com autores que já escreveram sobre seus processos de criação dramaturgica e pedagógica.

4. Por fim, compartilhamos a obra *As memórias do Sr. Penante*, que compõe o cerne deste trabalho. Iniciou como uma simples ideia de experimentação de escrita e foi para além de apenas escrever, em que, ao permitir criar hipóteses com a qual a própria obra pudesse contribuir, alcançou outros sentidos além da leitura e da encenação, como o sentido pedagógico. Gostaria de enaltecer que esta não é uma escrita-solo! É uma escrita acompanhada de muitas referências, ideias, histórias e memórias. É uma escrita pensada para outros e para nós, a memória da nossa cultura teatral brasileira/paraense.

Desse modo, já apresentado o objeto, o problema, os objetivos e as etapas metodológicas que oportunizaram a realização desta pesquisa, chegou a vez de elucidar a organização desta escrita a partir daqui. O primeiro capítulo, “*As memórias do Sr. Penante*”, nada mais é do que a própria obra dramaturgica, tomada aqui como o grande acontecimento desta investigação. Acompanhada de algumas informações preliminares para a melhor compreensão do leitor, é possível observar os elementos dramáticos e históricos organizados na obra, que serão melhor analisados no segundo capítulo, “O processo criativo do pesquisador-dramaturgo”. Será dedicado neste capítulo à descrição e à discussão que surge sobre o processo da criação desta dramaturgia, além das contribuições que a Iniciação Científica e Artística a proporcionou. No terceiro e último capítulo, “Considerações finais”, reúno diversas ideias de considerações das produções feitas até o momento, além do papel desta obra dramaturgica para o futuro.

² 1 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Produção Artística – PIBIPA (2021) do Instituto de Ciências da Arte/ICA-UFPA: “José de Lima Penante: *dramatis personae* das memórias teatrais paraenses”. 2 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ensino Técnico – PIBIC-ET/Propesp/UFPA (2022): “José de Lima Penante: memórias teatrais paraenses do século XIX”; e PIBIC-ET (2022-2023): “A dramaturgia de José de Lima Penante na história teatral paraense do século XIX”. 3 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC-CNPq/Propesp/UFPA (2023-2024): “As dramaturgias de Lima Penante na cena teatral contemporânea paraense”.

1

AS MEMÓRIAS DO SR. PENANTE

Antes de nos aventurarmos nas memórias do velho Sr. Penante, precisamos dedicar este primeiro espaço a algumas informações relevantes sobre a estrutura da peça.

1) A dramaturgia tenta representar um tempo entre o fim da Revolução Cabana e o auge do ciclo da borracha, portanto, certas palavras podem parecer estranhas ou pouco utilizadas atualmente.

2) Determinadas falas foram retiradas na íntegra das dramaturgias originais (com suas grafias) e estão identificadas em *Itálico*, enquanto que a rubrica do texto está em **Negrito** e entre parênteses.

3) A estrutura visual e estética da dramaturgia assemelha-se a um jornal periódico, meio de comunicação comum no século XIX.

4) A dramaturgia é dividida em Prólogo (1840 e 1852), 08 cenas em três atos.

5) Temos uma breve descrição das personagens antes de iniciar a peça. É caracterizada como *dramatis personae*, uma espécie de lista de personagens.

Para contextualizar, leia esta breve sinopse: “No interior da sala de uma casa, o Sr. Penante, um ator de quase seis décadas de existência, está passando por uma situação inusitada: está sofrendo com problemas de memória às vésperas de realizar uma apresentação no Teatro da Paz. O ator decide, então, revisitar suas memórias através de um guarda-roupa com figurinos dos personagens que interpretou durante sua vida artística. Essas personagens ganham vida, trazendo recordações e causando um grande rebuliço para o protagonista. Mal sabe ele que esta seria sua última apresentação em vida. Será ele morto por um simples ataque cardíaco durante a velhice, ou pelo esquecimento de sua história?”

LISTA DE PERSONAGENS

PRÓLOGO

RITA (1840): Mãe do Sr. Penante que, para salvar a vida de seu bebê das mãos de militares durante a Revolta da Cabanagem, o deixa na porta da residência da família Baena-Meninéa.

MILITARES: Combatentes militares do governo lusitano durante a Revolta da Cabanagem.

PENANTE (1852): Versão jovem do Sr. Penante. Foi deixado por sua mãe, ainda recém-nascido, na porta da residência da família Baena-Meninéa. Inicia no grupinho de teatro da família, junto com seus irmãos adotivos José Meninéa e Baeninha.

SR. BAENA: Militar e marido da Sra. Meninéa. Pai de Baeninha e José Meninéa. Adotou, junto com sua esposa, o pequeno Penante que foi deixado na porta de sua residência. Dono, junto com a Sra. Meninéa, do grupo teatral “Sociedade Dramática Particular Philo-Thalia” e escritor de muitos dramas.

SRA. MENINÉA: Esposa do Sr. Baena e mãe de Baeninha e José Meninéa. Adotou, junto com seu marido, o pequeno Penante,

deixado na porta de sua residência. Dona, junto com o Sr. Baena, do grupo teatral “Sociedade Dramática Particular Philo-Thalia”.

BAENINHA: Filho do Sr. Baena com a Sra. Meninéa e irmão de José Meninéa. Tem uma relação conflituosa com seu irmão adotivo, Penante.

JOSÉ MENINÉA: Filho do Sr. Baena com a Sra. Meninéa e irmão de Baeninha. Tem uma relação de irmandade e cuidado com seu irmão adotivo, Penante.

PRIMEIRO E SEGUNDO ATOS

SR. PENANTE: Ator e dramaturgo de 51 anos, nascido em Belém, capital da Província do Grão-Pará. Mora junto com seu filho Aureliano. Além dele, possui seu outro filho, Rodolfo, que vive com sua primeira esposa, Leonor. Incrível ator em seus tempos de ouro, começa a ter problemas com suas memórias.

AURELIANO: Filho mais velho do Sr. Penante, fruto do seu amor com a primeira esposa, Leonor. É um menino que está seguindo os passos do pai nos palcos de Belém. Amigo inseparável de João Baena.

JOÃO BAENA: Filho de Baeninha e amigo de Aureliano.

RODOLFO: Filho mais novo do Sr. Penante com Leonor e irmão de Aureliano.

LUÍS: Pai de Maria na peça “Quem com ferro fere com ferro será ferido”.

MARIA: Filha de Luís e noiva de Francisco. Sofre com as perseguições do Tenente Amorim.

TENENTE AMORIM: Delegado corrupto que abusa de sua autoridade para conquistar Maria e prender Luís.

PROCÓPIO: Velho raquítico, pai de Florentina e tio de Ernesto, na peça “Adão e Eva no paraíso”. Deseja que sua filha se case com o Sr. Guedes para ter uma vida boa.

FLORENTINA: Filha de Procópio e prima de Ernesto, por quem é apaixonada. Sofre com frequentes desmaios.

ERNESTO: Primo de Florentina e sobrinho de Procópio. Estudante apaixonado pela poesia, além de sua prima.

ZÉ DO TELHADO: Saqueador, o “Robin Hood português”. Protagonista da peça de mesmo nome.

CAPANGAS: Companheiros de Zé do Telhado.

NEPOMUCENO: Estudante boêmio que frequenta bastante as tavernas de Belém na peça “O ponto”.

SEDUTORA: Personagem feminina que tenta conquistar os homens da plateia na peça “Ferro e fogo”.

TERCEIRO ATO

JORNAL DIÁRIO DO GRÃO-PARÁ: Veículo jornalístico que noticiou a morte do Sr. Penante.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS: Veículo jornalístico que noticiou a “ressurreição” do Sr. Penante.



As memórias do Sr. Penante

ANO MMXXIV

Propriedade de RAPHA RODRIGUES

BELÉM-PA

Prólogo – 1840

(Uma mulher com criança no colo está se escondendo de tropas militares).

MILITAR 1: Perdemos ela de vista.

MILITAR 2: Não podemos deixar ela escapar. O comandante disse para capturar todos os simpatizantes dos cabanos.

MILITAR 3: Vamos procurá-la por aquelas bandas.

(Os militares saem e a mulher, de nome Rita, vai até a porta de uma residência).

RITA: Meu querubim, sei que não entendes agora, mas espero que algum dia perdoe sua mãe e seu pai. Estamos vivendo tempos difíceis. Quando tu possuíres a idade certa, poderás ler esta carta que aqui estou deixando. Não estou te abandonando. Estou te protegendo das barbáries deste tempo. Aqui, nesta

família, tenho certeza de que vais estar a salvo.

(Rita bate à porta e se esconde. Sr. Baena e Sra. Meninéa encontram o bebê e o levam para dentro. Rita sai do esconderijo, mas acaba sendo capturada).

Prólogo – 1852

(Na residência da família Baena-Meninéa, entram em cena três crianças que estão discutindo no ensaio de uma peça).

BAENINHA: Eu disse que ele não ia conseguir.

JOSÉ MENINÉA: Estás a começar de novo com isto, Baeninha?

BAENINHA: Não é melhor que EU fique com o papel de Philemon?

JOSÉ MENINÉA: Tu és muito invejoso, isso sim. Foi a mãe e o pai que escolheram o papel para o Penante.

PENANTE: Mas o Philemon tem muita fala. Eu não vou conseguir decorar tudo isso.

JOSÉ MENINÉA: Consegue sim, Penante. É só se concentrar, decorar o texto e ensaiar.

BAENINHA: O Philemon é muito azeite pra essa tua lamparinazinha.

JOSÉ MENINÉA: Não se importe com o número de falas, Penante, e nem com o Baeninha. Ele está com inveja. Vamos tentar?

PENANTE: Está bem. (Para Baeninha) Vamos ver quem tem azeite suficiente. Vigia!

BAENINHA: (Rindo) Se errar de novo, eu serei o Philemon na próxima vez.

(Ouve-se ao fundo as vozes do Sr. Baena e da Sra. Meninéa).

SRA. MENINÉA: Crianças?

JOSÉ MENINÉA: Mamãe está vindo.

SR. BAENA: Já estão prontas?

BAENINHA: O papai também.

PENANTE: O que faremos agora?

(Entram em cena Sr. Baena e Sra. Meninéa)

SR. BAENA: Crianças. Trouxemos seus figurinos para ensaiar. Estão prontos?

BAENINHA: Estamos prontos, pai.

PENANTE: Eu nã... (José Meninéa tampa a boca do Menino Penante com a mão).

JOSÉ MENINÉA: Estamos sim, pai.

SR. BAENA: Maravilha! Estamos ansiosos para ver o ensaio.

(Os meninos vestem o figurino e iniciam a apresentação)

JOSÉ MENINÉA: (como diácono) Senhoras e senhores, peço a sua licença para anunciar que é com imensa alegria que o grupo Sociedade Dramática Particular Philo-Thalia apresenta seu mais novo espetáculo, escrito pelo excelentíssimo Antônio Baena, para as pessoas da mais alta relevância da sociedade de

Belém. Pai, Senhor Nosso, o artista Philemon está entrando no espaço desta cidade. Desejamos que ele encontre por meio da arte, o caminho da verdade, para ser testemunha neste ano, da conversão do governador Ariano. Que assim seja. Amém! Com Vós micês: "A conversão de Philemon e Ariano".

(Sr. Baena e Sra. Meninéa aplaudem. Baeninha faz a sonoplastia de trombetas. Menino Penante faz uma acrobacia e toca flauta)

BAENINHA: *Os cristãos não desistem de gritar um só Deus, autor universal do Céu e da Terra...* (Penante realiza uma acrobacia que acaba derrubando Baeninha).

PENANTE: Desculpa.

BAENINHA: (Vai para cima de Penante) A culpa é tua!

SR. BAENA: Meninos, parem. Não briguem. Chega!

BAENINHA: A culpa é do Penante, pai. Ele me derrubou de propósito.

PENANTE: Estás a mentir. Juro que não tive a intenção de te derrubar.

BAENINHA: Pai, o Penante poderia ficar com outro papel. Ele nos atrapalha com essas piruetas desastrosas.

PENANTE: Desastrosas? O Philemon precisa fazer estas piruetas e isto é a coisa que eu sei fazer melhor que tu! (Os meninos voltam a brigar).

SRA. MENINÉA: (Separando a briga) Meninos, parem com isto! Já não basta de violência? Já avistaram nossas residências com as marcas da guerra, não? Belém foi palco da maior revolta dos últimos tempos, quando muitos cabanos e militares lutaram e morreram em busca de liberdade e outros, poder. Nossa família está fazendo o mínimo para devolver dignidade para as residências, então criamos este grupo de teatro.

SR. BAENA: Estamos tentando reerguer Belém pela arte. Quando eclodiu a revolta, assassinaram o presidente da província depois que ele assistiu a um espetáculo no Teatro Providência. E através do teatro vamos trazer a vida para esta capital. Então, brigar não é a solução. Entendem?

OS TRÊS MENINOS: Sim!

SRA. MENINÉA: Então, cada um vai ficar com os papéis que escolhemos para vocês.

SR. BAENA: Isso mesmo. E você, Penante? O que o seu Manuel e a dona Rita iriam pensar de você brigando aqui?

PENANTE: Meus pais? Não sei.

SR. BAENA: Pois então, está na hora de lhe mostrar uma coisa. Venha cá. *(Mostrando a plateia a sua frente)* Está vendo isso aqui? É o lugar de onde as pessoas virão para ver-te. Muita gente verá você em cena, te aplaudir, gritar teu nome: Penante! Penante! Um dia tu vais ser reconhecido pela sua atuação, pelo seu trabalho. Vai trazer alegria em tempo de guerra e vai mudar a província. Tens um futuro honroso pela frente, Penante, vejo muito potencial em ti, assim como nos seus irmãos, porque também és nosso filho. Você será grandioso, mas para isso precisa estudar, se dedicar e confiar nesse brilho que só tu tens. Seus pais sentiriam muito orgulho do Penante artista. Me entende?

PENANTE: Entendo.

SR. BAENA: Então, tome. Sua mãe deixou esta carta para ti e,

acho que já está na hora de tu ler.

(Penante corre até Baeninha e José Meninéa, que saem de cena).

SRA. MENINÉA: Que bonitas palavras, Baena.

SR. BAENA: Mas é a verdade. No futuro, este menino irá transformar-se num ator de grande destaque deste século, filho desta província.

(Sr. Baena e Sra. Meninéa saem).

Primeiro Ato Primeira Cena

(Uma sala modesta de uma casa belenense do século XIX. Uma cadeira e uma mesa com algumas folhas de papel e uma xícara de café em cima. Ao fundo e no centro da sala tem-se um guarda-roupa de portas fechadas. A cena se passa 40 anos depois da cena anterior)

AURELIANO: *(Em off)* Viva a rainha paraense! Viva Nazareth! Viva os festejos em sua honra!

SR. PENANTE: *(Em off)* Viva a Senhora de Nazareth! *(Tossindo).*

AURELIANO: *(Em off)* O que vós micê tem, tio Thenório?

(Sr. Penante entra em cena pelo fundo da sala, logo em seguida seu filho Aureliano surge. Os dois com folhas de papel na mão estão ensaiando a peça "Depois da festa de Nazareth").

SR. PENANTE: *Eu vivo tão apoquentado que já deitei o coração à larga... Atchim! Além de tudo mais apanhei esta constipação na Festa de Nazareth (Tossindo). Além da constipação fiquei sem um X nas algibeiras. (Suspirando) Festa desejada a todos que lá*

vão, atiram-se ao divertimento da roleta, e adoram o dinheiro do banqueiro, em vez de prestar culto à protagonista.

AURELIANO: Tio Thenório, vós micê acredita que esta sociedade há de ter conserto?

SR. PENANTE: *Nós precisamos fazer uma mudança na sociedade, meu afilhado, ela está tão cheia de vícios e prejuízos a cada passo! (Há um instante de silêncio em cena).*

AURELIANO: Tio Thenório, o senhor está TOSSINDO muito!

SR. PENANTE: Ah sim! (Tossindo) Desculpe Aureliano, eu esqueci por um momento que havia de tossir. Vamos retornar. Já mencionei que “*apanhei esta constipação na Festa de Nazareth?*”

AURELIANO: Já, meu pai. Tenha atenção com as nossas marcações, posso acabar “tropeçando” no texto. Será que eu tenho de ser o responsável aqui?

SR. PENANTE: (Sr. Penante olha de forma intimidante para Aureliano que fica sem graça). Então... vamos prosseguir?

AURELIANO: Vamos. (Retornando o ensaio) Tio Thenório, vós micê acredita que esta sociedade há de ter conserto?

SR. PENANTE: *Nós precisamos fazer uma mudança na sociedade, meu afilhado, ela está tão cheia de vícios e prejuízos a cada passo! (Tossindo).*

AURELIANO: Realmente tio Thenório, dá para ver o prejuízo só do senhor estar tossindo muito. Mas, apesar disto, meu padrinho, gostaria de lhe pedir algo. Eu quero a sorte de conseguir um pião potente para brigar, digo, brincar lá no arraial da festa. Vós micê pode me ajudar? Hein?

SR. PENANTE: Estás vendo, meu amado afilhado, o vício corrompe o homem de pouco coração (Espirrando).

AURELIANO: O mais puro coração dos homens, meu pai.

SR. PENANTE: Também.

AURELIANO: Não! A fala é “*o vício corrompe o mais puro coração dos homens?*”.

SR. PENANTE: E o que falei?

AURELIANO: Que o vício corrompe o homem de pouco coração. (Sr. Penante olha para o papel que está segurando) Não preferes descansar, meu pai, e mais tardar a gente volta?

SR. PENANTE: Mas é lógico que não. O espetáculo já é este fim de semana no Teatro da Paz, tudo tem que sair como planejado. Necessitamos continuar ensaiando.

AURELIANO: Está bem, meu pai. Vou dar-lhe a deixa. Eu quero a sorte de conseguir um pião potente para brigar, digo, brincar lá no arraial da festa. Vós micê pode me ajudar? Hein?

SR. PENANTE: (Aproxima-se de Aureliano). Estás vendo, meu amado afilhado, *o vício corrompe o mais puro coração dos homens.* (Espirrando, empurra Aureliano para longe de si) *Depois da Festa de Nazareth voltei enfermo, faminto e sem dinheiro algum para nada. É... É... É... Nós precisamos fazer uma mudança na sociedade que está tão cheia de vícios e prejuízos a cada passo! (Tossindo).*

AURELIANO: Vós micê está repetindo a sua fala, meu pai.

SR. PENANTE: Estou?

AURELIANO: Estás. Tens certeza de que está tudo bem? Será que está muito preocupado com o espetáculo, que está lhe deixando nervoso e fazendo com que esqueça o texto? Ou será que finalmente chegou o sintoma da velhice do Sr. Penante?

SR. PENANTE: (Olhar intimidante) Sabe o que é isso? São os remédios que o doutor Rodrigues me passou, só pode ser isso. Aquele um cuida mais da vida pessoal dos seus pacientes do que da saúde. Dizem que ele vai contra os princípios éticos. Mas já que insiste tanto. Pronto, sentei-me.

AURELIANO: Estou percebendo que vós micê está esquecendo as coisas, meu pai. Esquece onde coloca objetos, esquece os textos, uma vez não lembravas mais onde era sua própria casa, entrou na residência dos Baena e quase os expulsa da própria casa. O João Baena ficou de graça a semana inteira. Aposto que esqueceste até o que do café da manhã tomou hoje.

SR. PENANTE: Eu tomei o café da manhã hoje? (Toma um gole de café que está na xícara e faz menção de que não gostou).

AURELIANO: Ó! Sim, meu pai, tomastes.

SR. PENANTE: E o que eu tomei no café da manhã?

AURELIANO: Ora, café. Mas isso deve ser sintoma da velhice. Ih! Já estou até imaginando estampado no jornal d'O Diário do Gram-Pará: "Sr. Penante esquece suas falas às vésperas do espetáculo em honra a Nazareth por motivos de velhice". É capaz até de minha mãe oferecer-lhe umas bengaladas na cuca por uma manchete dessas.

SR. PENANTE: Olha a boca, filho desnaturado. (Levanta a mão, insinuando bater em Aureliano) Não fique soltando asneiras! Aquela raquítica da sua mãe... seria capaz de ela própria estampar a notícia no jornal. Preste atenção Aureliano, não fiz alteração neste meu monólogo e incluí-lo na história para ouvir asneiras. Pode pensar o que quiseres, mas não cogite a ideia de que estou com sintomas de velhice (Resmungo). Na minha idade, só esqueço

porque tenho muita coisa em minha cabeça para se alembrear.

AURELIANO: Tem tanta coisa que agora não recorda mais como é ser ator, nem deve se alembrear de como começou no teatro.

SR. PENANTE: (Direcionando-se ao público abruptamente) Belém, 1852. Estava eu com meus mais ou menos 12 anos de idade me aventurando em decorar textos de pequenos oratórios e dramas. O Sr. Baena e a Sra. Menínea construíram um grupinho de teatro, aqui mesmo em Belém. Eles chamavam esse grupo de Sociedade Dramática Particular Philo-Thalia, criado lá em 1849. Neste grupo tive a sorte de participar de várias peças como "A conversão de Philemon e Ariano" e "Dueto do açai". Então, me alembro sim de como comecei, recordo que havia ficado com medo de não conseguir decorar o texto. (Pensativo) Só não tive a sorte de brigar com nenhuma criança na época. (Direcionando-se a Aureliano).

AURELIANO: Éeee... sintoma de velhice.

(Ouve-se um barulho de alguém batendo na porta).

SR. PENANTE: Quem ousa bater a esta hora, atrapalhando nosso ensaio?

AURELIANO: Deve de ser o João Baena, meu pai. Como o senhor havia me informado que iria levar o figurino da peça para mamãe consertar semanas atrás, combinei com João de irmos juntos buscar o figurino.

SR. PENANTE: Figurino? (Sr. Penante faz cara de confuso e abre a porta).

AURELIANO: João!

SR. PENANTE: (Com tédio) Baena.

JOÃO BAENA: Boa tarde, Sr. Penante. Peço licença para adentrar em sua residência. O Aureliano convidou-me a acompanhá-lo até a residência de dona Leonor para buscar um figurino que por milagre deve ter sido consertado por ela.

SR. PENANTE: Pelo que observo, Aureliano está aprendendo a ser desnaturado com vós micê, Baeninha, quer dizer, João Baena. (Dirigindo-se a Aureliano) Meu filho, não me

diga que vás sair a esta hora e com ele.

AURELIANO: Vou, meu pai. Mas não há de se preocupar, serei breve.

JOÃO BAENA: É verdade, Sr. Penante, seremos breve. Vamos, Aureliano, antes que eu seja expulso da residência que não é minha.

SR. PENANTE: (Resmungando) Observo ironia em suas palavras, garoto Baena. Vai Xispa daqui! Se vós ireis sair, saiam logo.

AURELIANO: (Comemora) Obrigado, meu pai. Enquanto isso descanse bastante, porque este fim de semana "*Sr. Penante e seu filho Aureliano arrebatarão o fabuloso público do Teatro da Paz com um espetáculo de honrosa maestria*".

SR. PENANTE: Claro, meu filho. Só tome cuidado que hoje a cidade está uma loucura com os preparativos da Festa de Nazareth. A feira está sendo armada, os bondes e seus maquinistas estão loucos e as barracas de jogos são uma tentação.

AURELIANO: Está bem, meu pai.

JOÃO BAENA: Até senhor.

(Aureliano e João Baena saem).

Segunda Cena

SR. PENANTE: (Resmungando e imitando João Baena) Como pode o filho do Baeninha ser tão irritante quanto ele. Pensando bem, deve ser isso que está fazendo eu esquecer o meu texto. Estresse! Esse João Baena deve de ser má influência para Aureliano. Ele vive correndo atrás de confusão. Mas, preciso me concentrar no espetáculo. Ensaiar, ensaiar, ensaiar, ensaiar... (Sr. Penante se prepara para ensaiar, mas fica um tempo imóvel tentando lembrar das falas, que esquece). Estou enganando a quem, senão a mim mesmo? Não passo bem, é só ver, não consigo nem... Nem lembrar o texto, a intenção e a movimentação que ensaiei tanto. Aureliano tem razão, deve ser a velhice, estou caducando. Comecei a perceber que minha memória começou a falhar quando esqueci de levar o figurino para Leonor consertar... não, eu não

leve para ela, porque... (Aflito) eu esqueci onde havia guardado.

(Sr. Penante vai até um guarda-roupa na sala e começa a procurar algo. Ele pega um terno e um chapéu do guarda-roupa e o veste).

(Mudando de voz e imitando um personagem fazendeiro) “*Triste do pobre, porque nunca tem razão quando é acusado pelo rico ou influente na sociedade*”. (Sr. Penante observa que há um pequeno rasgo no figurino, então pega uma caixa com linha e agulha em cima do guarda-roupa e senta-se na cadeira para costurar o figurino). Em 1861, estive em Fortaleza interpretando você, velho Luís. Sabe, contei ao meu filho que comecei desde pequeno a atuar, mas minha carreira começou a mudar quando saí da Província, ainda jovem, e viajei para o Nordeste. Você, caro amigo de cena, foi criado pelo grandioso poeta Juvenal Galeno na peça “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Você estava apressando o casamento de sua filha, lembra? Pois eu lembro, porque um delegado corrupto a rondava querendo roubá-la para si (com voz de ira ao lembrar-se da personagem Tenente Amorim). Dá até uma agonia em lembrar deste

personagem safado... (Reflexivo). Ixi, estou falando como se estivesse conversando com alguém. Caduquice minha. (Terminando sua costura, veste o figurino).

(Sr. Penante no papel de Luís. Maria aparece).

MARIA: *Meu pai! Minha mãe o chama.*

LUÍS/SR. PENANTE: Já disse para ela procurar um asilo, eu não... (Assustado).

MARIA: Meu pai! (Vai em direção de Luís).

LUÍS/SR. PENANTE: (Foge de Maria) Ei, sai. Quem és tu?

MARIA: Estava esperando algo diferente. Tá tudo bem? (Encosta na testa e pescoço de Luís para verificar se está com febre).

LUÍS/SR. PENANTE: O que estás fazendo?

MARIA: Examinando se estás com alguma febre. Olha, meu pai, eu trouxe!

LUÍS/SR. PENANTE: Trouxe o quê?

MARIA: A foice que pedi (Mostra a foice para Luís).

LUÍS/SR. PENANTE: Mas eu não pedi nenhuma foice. Estou caducando, só pode. Que história é essa de “meu pai”? E como... como entrou na minha residência?

Segundo Ato Terceira Cena

MARIA: Como assim, meu pai? Acho que o cavalo do vizinho trombou com o senhor e mordeu sua cabeça. Vós micê precisa descansar.

LUÍS/SR. PENANTE: Outra! Já não bastava o Aureliano.

MARIA: Tens que descansar, mas antes vai falar com mamãe. Ela quer saber dos preparativos do casamento.

LUÍS/SR. PENANTE: (Confuso) Casamento? Um instante. Poderia me dizer seu nome?

MARIA: Oras, sou Maria, papai.

LUÍS/SR. PENANTE: (Com reação de surpresa). E vais casar com... Francisco?

MARIA: Mas é claro.

LUÍS/SR. PENANTE: Vós suncê é a filha do Luís.

MARIA: Sim!! Sou sua filha!

LUÍS/SR. PENANTE: (Olha para o figurino que está usando) Ah, entendi. Claro que vós suncê é minha filha.

MARIA: Meu pai, vós micê sabe que irei casar-me com Francisco e que amo ele, certo?

LUÍS/SR. PENANTE: Certo (Piscando para o público).

MARIA: Mas sabes também que o Tenente Amorim está fazendo ameaças a vossa senhoria. Esse corrupto o ameaça jogar na cadeia. Não quero que nada de ruim aconteça com vós micê.

LUÍS/SR. PENANTE: Não se preocupe, minha filha. Eu já ouvi tantas críticas sobre minha pessoa que não tenho o porquê ter medo desse salafrário, corrupto, mal-amado, desbocado e fedorento tenentezinho (Tenente Amorim aparece por de trás de Luís).

TENENTE AMORIM: Oras, nem mais uma palavra, velho desmiolado! Insultas uma autoridade da lei e pensas que não sofrerá consequências? E para a sua informação eu tomo três banhos na semana.

LUÍS/SR. PENANTE: (Com voz trêmula) E não está funcionando! (Alterando a voz) Malvado que não poupa a honra do pobre! (Ameaça avançar em Tenente Amorim, mas Maria o impede).

MARIA: Não, papai...

TENENTE AMORIM: Isso, meu amor. Ponha este senhor de idade em seu devido lugar!

MARIA: (Olhando para o tenente e direcionando sua fala a Luís) Não, papai. Não suje suas mãos. Não diga mais nada.

LUÍS/SR. PENANTE: Maria, minha filha, este homem cruel me tira os nervos. Veja o que ele faz com a nossa humilde gente. Abusa da autoridade para ter tudo o que quer e nós pobres que se lasquem. *Triste do pobre, porque nunca tem razão quando é acusado pelo rico ou influente na sociedade.*

TENENTE AMORIM: (Imitando o Sr. Penante sarcasticamente) *Triste do pobre, porque nunca tem razão quando é...* Ah, que besteira. Cuidado com as palavras velho maluco, que daqui eu não te levo pra atrás das grades não, te jogo no asilo!

LUÍS/SR. PENANTE: Cuidado vos micê, pois quem com ferro fere, com ferro será ferido!

TENENTE AMORIM: Estás a me ameaçar, velhaco?

MARIA: (Aflita) Meu Deus! Meu Deus! O senhor delegado está

praticando a perversidade com meu pai.

TENENTE AMORIM: Seu pai ameaça-me e eu sou o culpado? Como és ingratinha, meu amor. Não sabes que não deves tratar o seu futuro marido com essa despreza toda? E sim, eu serei seu futuro marido, e não aquele zé ninguém do Francisco.

LUÍS/SR. PENANTE: (Pega a foice que está nas mãos de Maria e mostra ao delegado) O senhor quer ameaça delegado? Isto é ameaça! Pensas que tenho medo de tu, carrasco?

MARIA: Papai, não faça isso! O que será de nós? De mamãe? De meu casamento?

TENENTE AMORIM: (Aproxima-se de Maria) Quanto ao casamento, Mariazinha, está tudo preparado.

MARIA: (Afastando-se de Amorim) Oh! Este homem me assusta. Sedutor vil, que gosta de desgraçar a vida de inocentes donzelas. Ó Virgem Santíssima, sabeis que amo Francisco e odeio aquele perverso que desonra e não respeita as moças de sua jurisdição.

LUÍS/SR. PENANTE: (Empurra Tenente Amorim) Afaste-se de minha filha, delegado maldito.

TENENTE AMORIM: Chega! Vós micê está preso, velhaco!

MARIA: Não! Fuja, papai!

(Tenente Amorim segura Luís pelo figurino, enquanto Maria pega as algemas que estavam na mão do delegado e corre para fora do palco. Tenente Amorim vai atrás de Maria levando o figurino de Luís que consegue se soltar).

SR. PENANTE: (No chão) Maria, Maria! Minha filha! (Aflito, Sr. Penante observa ao seu redor, vai em direção da saída de Maria e Amorim e volta para a sala) Para onde foram? Não os encontrei em canto algum. (Sr. Penante começa a refletir e tomar ciência) O que estou fazendo? Beirando a loucura. Isto foi real? Eu só vesti o terno e... Espera (Vai em direção ao guarda-roupa). Tudo começou quando experimentei o figurino do Luís, que o Tenente Amorim levou. Será que... Não, não pode ser. (Sr. Penante põe a foice no guarda-roupa e, procurando algo, encontra o figurino do personagem Procópio) Ahá! Esta é da minha peça "Adão e Eva no Paraíso", onde criei o velho e raquítico Procópio! Se o que eu estou imaginando acontecer... As

outras personagens desta peça irão aparecer.

(Sr. Penante entra no guarda-roupa e veste o figurino de Procópio).

Quarta Cena

(Sr. Penante no papel de Procópio acompanhado de sua bengala e ao som de música instrumental. Florentina entra em cena).

FLORENTINA: Meu pai!

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Florentina, minha filha!

FLORENTINA: O que fazes aqui?

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Estou a passear pelo bosque, admirando o que de melhor Deus criou para nós. E vós suncê, minha filha?

FLORENTINA: Ah, meu pai. Venho ao bosque de nosso quintal para admirar também, admirar o passeio de meus pensamentos, flutuando como as folhas destas árvores que caem ao ritmo do vento.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Espero mesmo que venha a este lugar admirar isto, e não outras cousas, como certo tipo de fruto proibido.

FLORENTINA: Do que se refere, meu pai? Que fruto é esse? Uma banana?

PROCÓPIO/SR. PENANTE: (Desconcertado) Banana? Por que vós suncê pensaste em banana?

FLORENTINA: Vós micê sabe que é minha fruta preferida, meu pai.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Claro, minha flor. Mas, se bem que não temos tantas bananas por aqui, agora é manga. Manga para aqui, manga para acolá. Uma verdadeira cidade das mangueiras.

FLORENTINA: Mas então, meu pai. Que fruto é este que estavas a falar? Uma mandioca? Uma beringela?

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Esses nem são frutos, minha inocente filha. Mas, o fruto é... É... É...

(Ernesto surge pelo fundo do palco).

ERNESTO: Tio Procópio! Florentina, minha prima!

(Florentina desmaia nos braços de Procópio ao ouvir a voz de Ernesto).

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Silencie, *filho desnaturado de meu irmão!* Olha o que acabas de fazer com minha filha.

ERNESTO: Ah, não há de se preocupar, tio Procópio. Florentina sempre desmaia com minha presença.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: E achas isso bom, Ernesto Florentino?

(Florentina acorda).

ERNESTO: Veja tio Procópio. Disse-lhe que não precisara de tamanha preocupação.

FLORENTINA: O que houve? Ernesto?! Que felicidade o ver por aqui.

ERNESTO: Sempre é radiante vê-la também, minha amada prima, meu amor.

FLORENTINA: Ah, vejo que continuas sempre um poeta.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Poeta? Minha filha, ele está tentando ludibriá-la, será que não vês? Este filho de meu irmão possui uma lábia conquistadora, tome cuidado. (Dirigindo-se a Ernesto) Não direi novamente, Ernesto, deixa-a em paz.

ERNESTO: Tio Procópio, não sabeis que tenho um carinho imensurável por Florentina? Consigo perceber esta mesma sintonia vindo dela.

FLORENTINA: Sabes que também tenho um carinho por vós micê, Ernesto. Mas entende que somos primos e não podemos ser mais do que isto.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Isso mesmo, minha filha.

ERNESTO: (Segura nas mãos de Florentina) Podemos sim, Flor. Podemos ser mais que primos.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Podem não! (Recupera as mãos de Florentina) Não podem porque Florentina será apresentada ao meu amigo Guedes.

FLORENTINA: Aquele velho? (Florentina desmaia no colo de Ernesto).

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Florentina! O que fizeste?

ERNESTO: Não fiz nada.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Vamos Ernesto, faça algo! Acorde sua prima.

(Ernesto beija a testa de Florentina que acorda).

PROCÓPIO/SR. PENANTE:
(Puxando Florentina para seu lado)
Estás a se aproveitar do desmaio de minha filha, Ernesto?

ERNESTO: *O que é o desmaio? Se não o resultado de uma comoção violenta, meu tio. Não vejo outro remédio melhor, senão um doce e suave beijo.*

FLORENTINA: Foi apenas um momento de nervoso, rapazes.

PROCÓPIO/SR. PENANTE:
Sempre soube, minha filha, ficou nervosa com a presença de seu primo Ernesto, não foi?

FLORENTINA: Não, meu pai. Fiquei nervosa pela notícia sobre Guedes. Por favor, meu pai, não me apresente para casamento ao Sr. Guedes.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Mas, minha filha. Com o Guedes vós suncê terá uma vida melhor, poderá viver tranquila em sua rocinha. Ele possui bens que irão lhe sustentar. Ele sim é um bom marido para vós suncê e não um pretendente sem qualquer ofício, como Ernesto.

ERNESTO: Para saber, meu tio, sou estudante de direito e

garanto-lhe até o fim deste ano o diploma de bacharel.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Até lá Florentina estará comprometida!

(Som de um instrumental ao fundo).

ERNESTO:

*{Oh! Meu tio tenha prudência}
{Seja pai mais extremoso!...}
{De seus filhos doces laços}
{Abençoe carinhoso!}*

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Olha aqui!

*{E o meu amigo Guedes}
{Que já trata do enxoval?}
{Isto é cousa muito séria}
{Em que eu posso ficar mal!}*

FLORENTINA: Mas meu pai! *Ele é tão velho!*

PROCÓPIO/SR. PENANTE: *E rico!*

FLORENTINA: *Mas feio!*

ERNESTO: Florentina!

FLORENTINA: Amor meu!

ERNESTO: Case comigo!

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Não!

FLORENTINA: Sim!

PROCÓPIO/SR. PENANTE: *E o Guedes?*

ERNESTO E FLORENTINA: Não é nenhuma Belle Époque.

(Um blecaute repentino. Aparece apenas o Sr. Penante ao centro enquanto os outros congelam).

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Na bela época amazônica, a famosa Belle Époque, o auge da expansão econômica, da arquitetura, do urbanismo, da produção cultural e do fabuloso e brilhante modo de vida belenense, a Paris na América, escondia a precariedade da porção do povo marginalizado pelas riquezas da borracha. Famílias famintas, famintas por alimento, por educação, trabalho, dignidade. O que desejo à Florentina é que ela seja saciada com todas estas cousas. E com o Guedes, ela poderá ter esta vida. Porque aqui, neste paraíso da Belle Époque, o amor é um fruto proibido, um fruto que não sacia a fome e a sede das pessoas. Eu, Sr. Penante, não compactuo com ideais desta época em que vivo. Ver pessoas menosprezadas por aqueles que seguram o poder em uma mão e jogam as migalhas ao

povo com a outra é de dar um embrulho no estômago. O século XIX foi bom para uns poucos, mas difícil para muitos outros.

(A cena volta de onde parou).

FLORENTINA: Meu pai, não permita que me case com o Sr. Guedes, lhe imploro.

ERNESTO: Sim, tio Procópio. Não permita que Florentina case-se com Guedes. (Para Florentina) Flor, você não se casará com aquele velho, eu não permitirei.

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Vós suncê é minha filha, e está sob minha responsabilidade, Florentina. Apresentarei minha Flor para Guedes, sim.

ERNESTO: Isso é interesse pessoal de vosso pai, Florentina. O amor não tem de a ver com interesse de moeda, mas sim do que você sente aqui... dentro de seu coração.

FLORENTINA: Eu não me casarei com o Sr. Guedes.

ERNESTO: (Numa rápida reação, pega a bengala de Procópio) Foge Florentina! Foge deste casamento, meu amor.

(Florentina corre em direção à cozinha).

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Florentina, volte aqui! (Para Ernesto) *Satanás da família, serpente traiçoeira deste paraíso.* Vós micê nesta história não é nenhum Adão. Que seja amaldiçoado por esse amor pecador!

(Ernesto corre para a mesma direção que Florentina levando a bengala de Procópio).

PROCÓPIO/SR. PENANTE: Volte aqui, Ernesto... Volte... para a casa do cão! Tem que ser revolucionário assim com nossos governantes! Sabemos que a realidade é difícil de se viver, porém estes jovens de hoje não podem perder a esperança no amor. Só vai precisar trabalhar para sustentar minha filha.

(Sr. Penante retira o figurino de Procópio e devolve ao guarda-roupa).

SR. PENANTE: Agora preciso lembrar onde deixei o figurino do meu espetáculo. Confesso que estou quase me lembrando. (Para e pensa) Não, não estou não. Vou procurar na cozinha (Sr. Penante sai de cena).

Quinta Cena

(Rodolfo, outro filho do Sr. Penante, entra pela porta com um caderno e um vidro de remédio caseiro).

RODOLFO: (Procurando Sr. Penante) Pai! Pai! Meu pai!

(Sr. Penante entra em cena).

SR. PENANTE: Quem está a me chamar? Rodolfo, meu filho! (Abraçando-o) O que viestes fazer aqui?

RODOLFO: Trazer o seu remédio caseiro, meu pai. Não lembra? Mamãe mandou encomendar uma água alodiana para vós micê.

SR. PENANTE: Ah, Claro! Havia até esquecido. Mas o que é que eu não estou esquecendo, não é? (Pega o vidro da mão de Rodolfo). Pelo menos água alodiana é melhor que os remédios que o doutor Rodrigues me passou. (Começa a ler a bula em um papel) *Água alodiana é puramente feita da flora paraense, cura flatulência, atordoamentos, que estou a necessitar até, cura asma, histerismo e desmaios, essa é para Florentina. Agradecido meu filho.*

RODOLFO: Pai, eu vim também para que o senhor me ajudasse com uma tarefa.

SR. PENANTE: Que tarefa seria essa?

RODOLFO: Falar sobre a história do Teatro da Paz na minha classe. O senhor é um grande conhecedor de lá, já que se apresentou muito no Teatro, não é?

SR. PENANTE: Pode-se dizer que sim, meu filho. Venha para cá, vou lhe contar um pouquinho de como nasceu o grandioso Teatro de Nossa Senhora da Paz que fica no Largo da Pólvora. Quer dizer, Praça da República! Foi nesta praça que o Teatro Nossa Senhora da Paz foi inaugurado em 1878, principalmente para o público mais ilustrado da população. Houve um tempo em que toda gente frequentava lá, de diferentes segmentos sociais. No entanto, a população mais carente começou a ser barrada.

RODOLFO: Sério, pai?

SR. PENANTE: Aham. Sabias que o nome do Teatro foi batizado em alusão a uma guerra que estava por

acontecer nesse tempo? O Teatro Nossa Senhora da Paz trazia consigo esperança pelo fim da guerra do Paraguai. Depois, o nosso bispo Dom Macedo solicitou que mudassem o nome do Teatro para simplesmente Teatro da Paz, porque não queria que o nome da santa estivesse vinculado ao teatro que apresentara diversos espetáculos mundanos. Era de longe a construção mais luxuosa, modernizando a Província com o progresso artístico.

RODOLFO: Mas ele sempre foi assim, grandioso e perfeito?

SR. PENANTE: Perfeito ele não é. O Teatro sofreu reformas, mas ainda assim a arte resistiu em Belém em outros espaços, nunca dependia do Da Paz. Ele disputara espaço nesse tempo com o Teatro Chalet e o Teatro-Circo Cosmopolita. Foi neste último que apresentei a peça “José do Telhado”.

RODOLFO: É o personagem com aquele chapéu grandão?

SR. PENANTE: Sim! (Rodolfo vai até o guarda-roupa e entra) Zé do Telhado foi um verdadeiro herói, herói dos pobres.

(Rodolfo sai do guarda-roupa com o chapéu e o xale do personagem Zé do Telhado).

RODOLFO: Parados aí seus abestados!

SR. PENANTE: Abastados. E me dê esses figurinos. (Rodolfo começa a tossir) Meu filho, vá até a cozinha tomar água.

(Rodolfo dirige-se à cozinha enquanto o Sr. Penante admira e veste o figurino do Zé do Telhado).

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Rodolfo! Ô Rodolfo! Venha para cá!

(Rodolfo vem da cozinha com um copo de água na mão).

RODOLFO: Pai? Me chamas? O quê que isso? (Risos).

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Sou o Zé do Telhado!

RODOLFO: O senhor parece mais um bandido do que um herói.

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Mas quem te disse que um bandido também não pode ser um herói? Vamos filho, sente-se aqui. Vou lhe contar-te a história de um herói... do povo, um herói do

povo. Conheces a história de Robin Hood?

RODOLFO: Sim, conheço pai, um saqueador.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Ora bolas, sou Robin Hood... de Portugal. Que tira dos ricos para saciar a fome dos pobres.

(Entram em cena três ladrões, capangas de Zé do Telhado. Rodolfo não percebe).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: É... ô Rodolfo. Vamos voltar à sua tarefa.

RODOLFO: Está bem, pai.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Zé do telhado, o temível! Este é meu nome.

RODOLFO: Está bem, Zé do Telhado, o temível.

(Os capangas de Zé vasculham a sala, próximo da porta de entrada).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Não!... Não se esqueça de devolver este copo na cozinha.

(Rodolfo levanta-se levando o copo em direção à cozinha, enquanto Zé do Telhado o segue para impedir que enxergue os capangas).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: O que estão a fazer por aqui?

CAPANGA 1: A ver.

CAPANGA 2: Sempre.

CAPANGA 3: Sempre a ver, chefe.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Então, parem! Vão voltar por onde entraram. Se o meu filho os encontrar... digo... aquele rapaz vai pensar que são ladrões!

(Os capangas começam a rir).

CAPANGA 1: Ô Zé. Não somos ladrões. Seguimos sua filosofia de vida. Partilhamos o que é do rico com o pobre. Não é trabalho do ladrão.

CAPANGA 2: Não é?

CAPANGA 3: O que faz o ladrão?

CAPANGA 1: Rouba a qualquer um, incluindo os pobres.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Não somos ladrões. Nós somos apenas...

RODOLFO: Pai! (Zé esconde os capangas dentro do guarda-roupa). Estava dando um passeio na

cozinha e encontrei este chapéu aqui. Não é de seu personagem?

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Sim! Sim, meu filho. Estava à procura da minha fantasia. Onde estão as outras peças?

RODOLFO: Encontrei somente isto.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Mas por que não consigo encontrar esta roupa abençoada? Dei-me aqui, Rodolfo.

RODOLFO: Hã, hã! Só após o senhor terminar de contar a sua história.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Está bem, vou dizer-lhe. Muitas pessoas vão dizer-te que eu era tipo mal, mas tu não acreditas nessa parte. Sob outros olhos sou um herói, grande herói de guerra civil. José Teixeira da Silva, o lendário José do Telhado, quem está a falar contigo agora, famoso salteador das serras de Douro e Minho. Tivemos uma derrota na guerra, tive que voltar à minha casa, arruinado, sem receber ajuda ou trabalho de ninguém, até ele chegar.

RODOLFO: Ele quem?

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Boca Negra. Era chefe de uma gang na minha área e convidou-me para o substituir. Aceitei e de lá tornei-me Zé do Telhado, o saqueador. Na verdade, o que faço é pegar nos ricos e dá-los aos pobres. Podem até chamar-nos ladrões, mas somos repartidores públicos.

(Os capangas têm um momento de riso dentro do guarda-roupa).

RODOLFO: O senhor ouviu isto?

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Do que é que estás a falar, Rodolfo?

RODOLFO: Risadas, meu pai, ouvi risadas.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Ah, sim. Me desculpe. Fui eu que acabei por rir.

RODOLFO: Mas ouvi as risadas deste lado daqui.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Eco, Rodolfo. Foi o eco. Note. (Zé dá risada. Os capangas dentro do guarda-roupa também começam a rir como se

fossem eco da risada de Zé). Viu só, meu filho.

RODOLFO: Sim, meu pai. Foi o eco mesmo.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Quer que termine a história?

RODOLFO: Sim, por favor.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Como disse, tudo o que tirarmos dos outros não será só para nós. Parte é para os pobres. Um herói do povo! Houve um dia em que subtraímos de uma casa, ali na Penha Longa, quando um dos meus capangas, o Zé Pequeno, tentou praticar as coisas à força com a dona da casa. Não o permiti e bati-lhe. Temos estado a soar bens materiais dos ricos, só isso.

RODOLFO: O senhor salvou a moça? Que legal.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Sim, ô meu rapaz. Salvei aquela rapariga de uma terrível perversidade. (Rodolfo tem uma reação de espanto ao ouvir a palavra rapariga) Rapariga... Rapariga é moça, Rodolfo. Depois disso, o Zé Pequeno traiu-me, e eu fui julgado e preso. Mas esta história é de

um homem honrado e honesto, e apesar de me temerem, minha história é cativante. O que achou do Zé do Telhado?

RODOLFO: Achei um rapaz incrível. Mas no meu teste irei falar do senhor, meu pai. Um herói que se veste de outro herói. (Pai e filho se abraçam). Agora preciso ir.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Obrigado pela visita e pelos remédios meu filho. A tua companhia e a de teu irmão Aureliano iluminam-me sempre o dia.

RODOLFO: Até mais, meu pai. (Sai Rodolfo com o chapéu de Sr. Penante em sua cabeça).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Meu filho, o chapéu.

RODOLFO: Havia esquecido. Aqui está meu pai.

(Rodolfo entrega o chapéu para Zé e bate à porta. No mesmo instante os capangas saem do guarda-roupa apontando suas armas e vestidos com os figurinos de Sr. Penante).

CAPANGA 1: Está a disparar!

CAPANGA 2: Onde está?

CAPANGA 3: Bateram no Zé!

CAPANGAS: ZÉ!!!

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: O que estão a fazer? E o que faz com as minhas fantasias?

CAPANGA 3: São suas fantasias, chefe?

CAPANGA 2: Estão tão limpos.

CAPANGA 1: Tão bonitos.

CAPANGA 3: Cheiram tão bem.

CAPANGAS: Vamos levá-los!

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Estão a roubar um coitado agora? São ladrões?

CAPANGA 1: Ô Zé! Não costumamos partilhar? Então, partilhe estas roupas com os seus companheiros.

CAPANGA 2: Partilhe a sua mobília. (Retira a mesa de cena).

CAPANGA 3: Partilhe as vossas armas. (Com uma foice na mão).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Onde conseguiu esta foice?

CAPANGA 3: No guarda-roupa.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Esta é a foice do Luís. Como pode ainda haver

um objeto de um personagem que já não está aqui?

CAPANGAS: Zé e suas variedades cômicas! (Risos).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Estou a falar sério. Esta foice é de Luís, dá-me aqui.

CAPANGA 3: Tudo bem, chefe.

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Agora, saiam da minha casa! Vamos, vamos.

CAPANGA 1: Iremos Zé! Mas vamos levar estas roupas para cá. Estas também. E estas!

(Os capangas esvaziam o guarda-roupa do Sr. Penante e saem pela porta).

ZÉ DO TELHADO/SR.

PENANTE: Não podes levar as minhas fantasias. Ei! Voltem para aqui! (Um dos capangas volta e leva o figurino do Zé do Telhado que o Sr. Penante estava usando).

SR. PENANTE: Como esses saqueadores tiveram a coragem de levar meus figurinos? Roubaram o próprio chefe! E agora, o que faço? Deixaram apenas um figurino aqui. Levaram toda a minha memória! (Sr. Penante para, pensa e se senta na cadeira) Pensando

melhor agora, se a foice do Luís ainda está aqui isso quer dizer que não importa se não estou mais usando o figurino dele, alguma coisa, objeto ou até mesmo uma pessoa... Digo, personagem, pode permanecer aqui. Isso parece loucura, mas está acontecendo. Então, vestindo este figurino eu posso ter a chance de encontrar aqueles capangas do Zé do Telhado e recuperar os meus outros figurinos. É isso. (Sr. Penante entra no guarda-roupa para vestir o figurino da personagem Sedutora, mas depois volta). Melhor me vestir na cozinha, senão vão pensar em outra coisa (Sai pela cozinha).

Sexta Cena

(Sr. Penante no figurino da Sedutora em uma performance).

SEDUTORA/SR. PENANTE: Por onde andei, levei muitos comigo, por onde parei muitos se amontoaram, das Províncias do Norte ao Nordeste, minha beleza e seduzência conquistava muitos rapazes nos meus espetáculos, uma grande atração.

(Entra Nepomuceno com sua garrafa de bebida).

NEPOMUCENO: Grandiosa atração! (Toma um gole da bebida) Pode continuar.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Eu por um acaso o conheço? Criança não pode estar aqui.

NEPOMUCENO: Não sou criança, sou um simples jovem, na sua maioria, que venho aqui recorrentemente. Deves me conhecer, mas se não conhece... (Beija as mãos da Sedutora) Prazer, Nepomuceno.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Nepomuceno?

NEPOMUCENO: Nepomuceno, grande admirador da vida noturna das tavernas de Belém.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Me parece alguém que conheço. Este traje de estudante me lembra algo.

NEPOMUCENO: Merda. Me pegou, gracinha. Eu ainda estou na academia, mas em breve não estarei mais. Eu só estou lá há 8 anos por conta de um ponto, um mísero ponto.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Um ponto?

NEPOMUCENO: Sim, um maldito ponto.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Ponto de costura? Olha, se for isso eu costuro muito bem.

NEPOMUCENO: Não é nada disso. Meus trajes são perfeitamente costurados. É outro ponto, aquele ponto.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Aquele ponto?

NEPOMUCENO: Sim, aquele ponto.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Que ponto?

NEPOMUCENO: O livro do ponto de presença nas aulas, que não assino com muita frequência. É por causa das noitadas que não chego cedo na classe. Deve ser por isso que me chamam de delinquente. *O ponto é inimigo da humanidade!* Guarde essas minhas palavras.

SEDUTORA/SR. PENANTE: *O ponto é inimigo da humanidade?* (Tentando reconhecer).

NEPOMUCENO: Houve um dia, aqui mesmo, um estrangeiro veio me oferecer uma

“máquina elétrica para fazer gente vadio fiquê com muto disposição para trabalhá”. Ora vadio, eu?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Estrangeiro? Máquina elétrica?

NEPOMUCENO: Isso mesmo, um inglês maquinista. Como era mesmo o nome dele? Sr. Wilson! *“Vae para Brezil; tens muto habelidade e na Brezil as ingleses fazem o que quer”.* Ora, há de pensar que somos ludibriáveis...

SEDUTORA/SR. PENANTE: (Para o público) Primeiro, um ponto. Agora um inglês maquinista. São duas histórias que conheço muito bem, eu as escrevi. Mas como pode personagens de peças diferentes estarem compartilhando apenas uma? Sou a sedutora, da peça “Ferro e fogo”. (Para si) Mas, se o Nepomuceno está aqui, assim como a foice do Luís, então quer dizer que eu posso encontrar aqueles capangas miseráveis que levaram meus figurinos. Nepomuceno!

NEPOMUCENO: Sou eu.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Por um acaso viste por aí três homens vestidos maltrapilhos levando várias roupas nas

mãos? Eu necessito recuperar meus figurinos!

NEPOMUCENO: Ver, eu vi, gracinha.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Onde?

NEPOMUCENO: Ali (Apontando para o guarda-roupa).

SEDUTORA/SR. PENANTE: Ali? Não pode ser.

NEPOMUCENO: Mas é lá que eu vi.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Vou mostrar-te que não estão lá.

(Entra Maria desesperada).

MARIA: Meu pai?!

SEDUTORA/SR. PENANTE: Maria? Que alegria te ver aqui. Está “chic”.

MARIA: Estou procurando meu pai. Vós micês viram um senhor de idade por aqui? Ele é do seu tamanho e tem as mesmas rugas.

NEPOMUCENO: Gracinha, eu não vi não, mas se quiseres eu posso procurar para vossa senhoria.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Vai procurar é colégio para ti.

Maria, também estou à procura de alguém, de alguém não, de três homens. Viste?

MARIA: Quem é vós sunce? Não me parece com as meninas de minha cidade. E ainda à procura de vários homens?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Sobre mim, nada importa. Os homens que procuro levaram todas as minhas roupas. Se eu os encontrar te ajudarei na busca pelo teu pai.

MARIA: Vós suncê faria isto? Estou muito agradecida. Mas não sei como posso lhe ajudar.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Preciso apenas encontrar esses três maltrapilhos.

MARIA: É fácil. Eles estão ali (Aponta para o guarda-roupa).

SEDUTORA/SR. PENANTE: Ali? Tens certeza? Mas não pode ser, eu havia visto eles saírem por aquela porta.

MARIA: Sim. Eles estão ali.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Mas se eles estão ali, então como poderei pegar as roupas que estão com eles?

NEPOMUCENO: É só tentar seduzi-los.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Isso! Então este será o meu plano, seduzi-los até recuperar os meus figurinos. Ai que “chic”.

NEPOMUCENO: Foi meu plano!
(Entra Ernesto).

ERNESTO: Florentina? Florentina! Com toda licença, nobre cavalheiro, encantadora moça e senhora?... senhorita. Estou à procura de minha flor, Florentina, acabei me perdendo dela. A viram?

NEPOMUCENO: Belas senhoritas vejo todas as noites, pode ser que eu a tenha visto em alguma delas.

ERNESTO: Florentina é tão bela quanto a própria rosa ao amanhecer. Ela inclusive tem uma rosa em seu cabelo. Viste alguém assim por aqui?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Não passou ninguém assim por aqui. Mas Ernesto, eu posso ajudá-lo a encontrar Florentina se me ajudares também.

ERNESTO: A senhorita me parece familiar. É diferente das meninas que conheço, mas ainda assim tem algo em vossa

senhoria que não me é estranho.

NEPOMUCENO: Ah, estranho é sim.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Vai assinar teu ponto, Nepomuceno! Ernesto, três homens sujos, mal vestidos e extremamente hostis, acabaram roubando meus figurinos.

ERNESTO: Os três homens que estão neste guarda-roupa?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Sério, como conseguem ver isso? Sim, os que estão no guarda-roupa. Preciso que você abra a porta do guarda-roupa para mim com a ajuda do Nepomuceno.

NEPOMUCENO: Minha? Deixa-me ali assinar meu ponto...

SEDUTORA/SR. PENANTE: Pode ficar onde está! Meu boêmio galanteador, preciso de sua corajosa ajuda.

NEPOMUCENO: Desse jeito eu não resisto! Claro que ajudo, gracinha.

MARIA: Mas senhorita, me parece ser perigoso.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Não se preocupe, Maria. Fique atrás de mim, pois tenho uma foice!

MARIA: A foice de meu pai.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Depois explicarei. Vamos lá meninos, preciso que abram a porta no três. Um... Dois... TRÊS!

(Nepomuceno e Ernesto abrem o guarda-roupa. Os três capangas do Zé do Telhado saem).

CAPANGAS: ZÉ!!!

SEDUTORA/SR. PENANTE: Parem aí! (Com a foice na mão).

CAPANGAS: Ahhhh! ONDE ESTÁ O ZÉ?!!

SEDUTORA/SR. PENANTE: Fiquem aí. Necessito dessas vestimentas que vós roubastes.

CAPANGA 1: Não podemos, são do Zé.

SEDUTORA/SR. PENANTE: São minhas!

CAPANGA 2: Não!

NEPOMUCENO: Vamos esfriar os crânios, gente bonita.

CAPANGA 3: Se ela baixar a foice.

MARIA: (Desesperada) Ladrões perversos.

ERNESTO: Calma!

NEPOMUCENO: Mais uma vez, vamos esfriar os crânios. Senhorita, aqui (Se reúnem Nepomuceno, Sr. Penante/Sedutora, Ernesto e Maria). Queres os trajés, certo?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Quero.

NEPOMUCENO: Então vamos seguir o plano, gracinha. Conquistá-los com a sua seduzência, pegar os seus figurinos e expulsá-los daqui. Certo?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Já estou começando a entender que ser mulher nessa sociedade é difícil.

MARIA: Mas eles têm armas.

ERNESTO: Nada de ruim vai te acontecer, Flor... Quer dizer, Maria. Eles não vão atirar.

NEPOMUCENO: E então, vamos?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Vamos! (Vai em direção aos capangas) Rapazes, por um acaso vocês gostariam de ouvir uma história? Sei que

começamos de forma estranha, mas podemos resolver isso, não podemos?

CAPANGA 1: Hum... Não sei se podemos. Podemos, camaradas?

CAPANGAS 2 e 3: (Já seduzidos) Sim, Podemos... Ops, no entanto, depende.

CAPANGA 1: Que história quer contar, donzela enrugada?

SEDUTORA/SR. PENANTE: É a história de um homem, de quase seis décadas de existência, ele é meu pai! Tadinho, está acamado neste momento, sentindo muitas dores. Acho que deve ser problema nos ossos, ou algo do tipo. Além do esquecimento que ele tem. Mas preciso estar preparada para alguma dessas coisas. Ele é a única pessoa em minha vida. Por isso, gostaria de poder arrecadar dinheiro para algum tratamento do meu pai. Vocês poderiam me doar essas roupas para poder vender e ganhar dinheiro para a saúde de meu pai?

CAPANGA 1: Só um momento, donzela (Direção para os outros capangas). O que acham?

CAPANGA 2: Parece-me convincente, eu acho.

CAPANGA 3: Tenho uma ideia (Cochicha no ouvido do capanga 1).

CAPANGA 1: Boa! (Em direção à sedutora) Donzela, o que se passa é o seguinte, aproxime-se aqui, sem medo. Olha para esta roupa, é do Zé. Se nos ajudar a encontrá-lo, damos-lhe as roupas. Acabamos por levar as roupas do Zé, mas pensamos bem e sentimos muito.

CAPANGA 2: Se o encontrarmos e ele vir que estamos a fazer uma boa ação com as suas roupas, ele pode perdoar-nos.

SEDUTORA/SR. PENANTE: Que “chic”, eu aceito.

NEPOMUCENO: O que?

SEDUTORA/SR. PENANTE: Eu aceito, me dê aqui (pega o figurino de Zé do Telhado das mãos do capanga).

CAPANGA 3: Ah! E uma beijoca tua também.

(Sr. Penante começa a tirar o figurino da Sedutora e coloca o figurino do Zé do Telhado).

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Quer um beijo?

CAPANGAS: ZÉ!!?

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Surpresa! Agora me devolvam as roupas.

NEPOMUCENO: Você é homem? Como pode ser enganado?

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Nepomuceno, eu não era assim tão sedutora “chic” como viste, quanto mais este maltrapilho que fala contigo. Na verdade, sou um ator que desempenha todos estes papeis. Eu sou o Zé do Telhado, a Sedutora, o Luís, o Procópio, sou todos esses e mais outros que joguei durante a minha vida.

MARIA: Espera. Isso quer dizer que vós micê é o meu pai?

ERNESTO: Não é não! Ele é um impostor! Deve ter feito alguma coisa com o seu pai, o tio Procópio e a Florentina.

SR. PENANTE: Não! (Tira o figurino do Zé do Telhado) Sou apenas o Sr. Penante. Sou ator que interpreto muitos papeis, inclusive o Luís e o Procópio, e... e vocês também são apenas

personagens que... sei lá de onde ressuscitaram da minha imaginação, da minha loucura!

CAPANGA 3: E onde está o Zé?

SR. PENANTE: O Zé não existe! Vocês não existem! Não sei como explicar vocês aqui, mas vocês só saíram do papel, não tem vida, os atores que dão vida a vocês.

CAPANGA 1: Como se atreve a dizer um disparate deste. (Joga os figurinos no chão e aponta a arma para Sr. Penante) Anda, onde está o nosso chefe?

NEPOMUCENO: (Se posiciona na frente de Sr. Penante) Parem. Não sei explicar, mas consigo sentir verdade nas palavras dele. Pode ser que sejamos só personagens mesmo!

CAPANGA 1: Personagem morta é o que te tornarás agora. Prepara-te!

(Os outros capangas se armam. Nepomuceno protege Sr. Penante enquanto Ernesto protege Maria. Os personagens ficam em posição de luta, quando de repente ouve-se estrondo de trovões e bem no fundo a voz do Tenente Amorim anunciando sua chegada. Entra Tenente Amorim segurando Florentina pelas mãos e gritando à procura de Luís).

TENENTE AMORIM: Luí-ís! O seu arqui-inimigo está aqui. E não sou e-eu! É a sua burrice por me negar Maria, sua filha. (Observa os demais em posição de luta) O que está acontecendo aqui?

ERNESTO: Florentina!? Largue ela agora.

TENENTE AMORIM: Só depois que me entregarem Maria.

SR. PENANTE: Não!

FLORENTINA: Ernesto! (Desmaia no colo do Tenente Amorim).

TENENTE AMORIM: Me entreguem Maria.

ERNESTO: Não.

FLORENTINA: (Acordando) O quê? Tá me trocando por outra? É isso, Ernesto Florentino? Me larga, que eu vou dar um tabefe neste meu primo.

TENENTE AMORIM: Fique aqui.

SR. PENANTE: Solte-a!

TENENTE AMORIM: E quem você pensa que é?

SR. PENANTE: Penante. E você não ficará impune dos teus

crimes, Tenente. Ei, vocês (Para os capangas), peguem ele.

(Silêncio sepulcral. Sr. Penante põe uma parte do figurino do Zé do Telhado).

CAPANGAS: ZÉ!!

ZÉ DO TELHADO/SR. PENANTE: Apanha-o.

(Os capangas acabam prendendo Tenente Amorim e libertando Florentina que tapeia o rosto de Ernesto).

CAPANGA 3: Pronto, chefe.

CAPANGA 2: Capturado.

CAPANGA 1: O que fazemos agora?

TENENTE AMORIM: Me soltem, seus bandidos! Eu posso jogar todos vocês no xilindró!

CAPANGAS: (Soltam Amorim) Sujou, Zé!

TENENTE AMORIM: (Apontando uma arma para Sr. Penante) Vocês não perceberam que ele não é esse tal de Zé? Ele é um impostor. Vejam! (Tira a parte do figurino de Zé do Telhado). Não disse?

CAPANGA 1: Vamos buscar este impostor!

NEPOMUCENO e ERNESTO:
(Protegendo o Sr. Penante) Não!

(Inicia-se uma confusão entre todos. Repentinamente, Sr. Penante sente algo no coração e no meio da confusão cai ao chão. Todos os personagens saem lentamente e lamentando. Sr. Penante fica desfalecido no chão).

Terceiro Ato

Sétima Cena

(Uma descrição sobre o episódio da falsa morte do Sr. Penante é ouvida).

JORNAL DIÁRIO DO GRAM-PARÁ: *Na Província da Paraíba, falece o nosso inteligente comprovinciano José de Lima Penante, distinto ator muito conhecido no norte do Brasil. O finado era natural do Pará e um artista de muito merecimento. Há muito tempo que ele se achava ausente de sua*

província natal; e ultimamente, conforme escrevera ao nosso colega Cantuária, foi vítima naquela província do ódio de inimigos mesquinhos. Artista, pelo trabalho inteligente, fez-se também autor, e viveu trabalhando sempre. Deploramos a sua morte.

SR. PENANTE: (Levantando-se) Enfim chegou à morte de um personagem, que por muitos anos levou alegria, reflexão, angústias e revolução. Na verdade, desejavam minha morte, tenho certeza. Pois, de péssimo quanto de perverso gosto, alguém do jornal “O Diário do Gram-Pará”, noticiou o meu falecimento. Mas eu não morri. Para a triste notícia dos difamadores... Ressuscitei! Eu ressuscitei diante de todos que haviam acreditado em meu falecimento. Será que o que trago com minha arte incomodou a elite conservadora? Não bastou a revolta dos cabanos? Só tenho certeza de uma coisa, não irão calar-me! Não! Porque eu sou O filho do povo! VIVA O PROGRESSO! O progresso foi chegando na cidade. Novas ruas, novas estradas, modernas companhias de bonde. Hoje estamos nos acostumando à

iluminação pública com a energia elétrica. Eu ainda continuo com a minha lamparina à base de querosene. Apesar de moderna, hábitos rurais ainda se preservam. Estamos nos alinhando aos padrões europeus de civilidade. Modelos de urbanização modernos, “Chic”. Mas, toda essa modernidade fez surgir muitas tensões cotidianas na sociedade: problemas com delinquentes, mendigos e alcoólatras. E eu os represento. VIVA A MORALIDADE! O paraense é muito moralista. Nosso intendente, Antônio Lemos, proibiu muita coisa a se fazer com um código de posturas. Não podia proferir palavras obscenas nas ruas. Tomar banho nas praças e nas fontes públicas. Fazer algazarras, dar gritos sem necessidade, apitar, organizar batuques e sambas, tocar tambor, carimbó. Nada disso, um rocambole só. Apesar de moralista, também represento a desmoralidade. VIVA O POVO! Nada de servilismo. Até os companheiros nordestinos se instalaram aqui para servir de força de trabalho escrava para a economia da borracha. Certo que com eles a

população aumentou, a cidade expandiu para as periferias e o centro de Belém foi tomado somente pelas famílias abastadas. Mas a escravidão devia ter sido abolida em 1888. Operários, agricultores, estrangeiros decadentes, estudantes boêmios, a população mais empobrecida, pessoas comuns! Todas elas eu represento nas minhas comédias! Nas minhas salgadas comédias. VIVA A ARTE! Durante minha vida contribuí com a construção de teatros, o Santa Cruz que agora é Santa Roza lá na Paraíba, o Variedades Cômicas em Manaus, o Teatro para Rir lá em Nazareth. Fui um grande incentivador da arte aqui em Belém. Nos meus repertórios queria falar com o povo paraense, sobre o povo paraense e alfinetando a elite desta sociedade. Fui de amador a profissional em minha vida ganhando experiência. Já ensinei outros amadores sobre a minha arte, pintava os próprios cenários, já dirigi espetáculos, fui encenador, fui tanta coisa para se chegar nesta enchente que estou a ver agora com os meus olhos (aponta para o público). Fiz muitas parcerias artísticas, Antônio

Maximiano da Costa, Vicente Pontes de Oliveira, Manuela Lucci, Coimbra, Colás e Couto Rocha, Helena Balsemão, Máxima Augusta e meu filho Aureliano. E falando nisso, meu filho me aguarda para o espetáculo. VIVA A REPÚBLICA! VIVA A CULTURA! VIVA O TEATRO POPULAR!

(Sr. Penante sai de cena).

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS:

Por uma carta que acaba de receber o nosso amigo major David, datada de 09 deste mês, verificamos que é inteiramente falsa a notícia de ter falecido o nosso comprovinciano ator José de Lima Penante. Noticiamos o seu falecimento em vista de uma local do Diário do Gram-Pará, que dissera ter ele falecido, no que simplesmente, acreditamos, não obstante, poucos dias antes, ter o nosso colega Cantuária recebido uma carta dele. De péssimo quanto de perverso gosto foi a pilhéria em que fizeram crer o colega do Gram-Pará, cuja notícia tomamos a sério. Quem a deu foi de certo algum refinado tratante. Em todo caso estimamos ter ocasião de retificar a notícia e felicitar ao Penante por se achar com vida

e de boa saúde. Ufa! Que bom que nada de ruim aconteceu com nosso ator. Isso significa que agora principiará o grande espetáculo em seu benefício. Com vosmecês, “Sr. Penante e seu filho Aureliano que arrebatarão o fabuloso público do Teatro da Paz com um espetáculo de honrosa maestria”.

Oitava Cena

(Um sino da igreja toca três vezes. Sr. Penante e Aureliano aparecem apresentando o espetáculo “Depois da festa de Nazareth”. Aureliano entra em cena saltitando e comemorando a festa em honra a Nazareth. Logo após entra Sr. Penante como Thenório).

AURELIANO: Viva a rainha paraense! Viva Nazareth! Viva os festejos em sua honra!

SR. PENANTE: Viva a República! Ops... Viva a Senhora de Nazareth! (Tossindo).

AURELIANO: O que vós micê tem, tio Thenório?

SR. PENANTE: *Eu vivo tão apoquentado que já deitei o coração à larga... Atchim! Além de tudo mais apanhei esta*

constipação na Festa de Nazareth (Tossindo). Além da constipação fiquei sem um X nas algibeiras. (Suspirando) Festa desejada a todos que lá vão, atiram-se ao divertimento da roleta, e adoram o dinheiro do banqueiro, em vez de prestar culto à protagonista.

AURELIANO: Tio Thenório, vós micê acredita que esta sociedade há de ter concerto?

SR. PENANTE: *Nós precisamos fazer uma mudança na sociedade, meu afilhado, ela está tão cheia de vícios e prejuízos a cada passo! (Tossindo).*

AURELIANO: Realmente, tio Thenório, dá para ver o prejuízo só do senhor estar tossindo muito. Mas, apesar disto, meu padrinho, gostaria de lhe pedir algo. Eu quero a sorte de conseguir um pião potente para brigar, digo, brincar lá no arraial da festa. Vós micê pode me ajudar? Hein?

SR. PENANTE: *(Aproxima-se de Aureliano) Estás vendo, meu amado afilhado, o vício corrompe o mais puro coração dos homens. (Espirrando, empurra Aureliano para longe de si) Depois*

da Festa de Nazareth voltei enfermo, faminto e sem dinheiro algum para nada.

AURELIANO: Então padrinho. Os boatos eram certos sobre vós micê: está na miséria. Como ficaste assim? Justamente nos festejos de Nazareth.

SR. PENANTE: Mas foi justamente nos festejos, afilhado. *Entro numa dessas casas do arraial para tomar um refresco de água sem açúcar... (Tossindo) e ao lado das salas estava um grupo que rodeava uma mesa de jogo; estavam um médico, um advogado, um meirinho, um fidalgo e um vigário colados à mesa de jogo; todos velhos. Faltava um empregado público, de mais importância, e como eu ali estava, joguei também. E perdi (Tossindo).*

AURELIANO: Deixou ser contaminado pelo jogo, tio?

SR. PENANTE: Só uma vez e olha no que deu. A profanidade do festejo me irritava e eu caí na tentação. *Antigamente as moças sabiam rezar e hoje nem sabem por onde principia o padre nosso; e até mesmo as velhas d'hoje, em vez de*

ensiná-las, são as primeiras a variar de penteado e inventar mil modas para as berliquetes se apresentarem na sociedade moderna, sem que lembrem que vão ali apenas dar uma ideia do século passado.

AURELIANO: Eu sempre vi o arraial da festa assim.

SR. PENANTE: Mas mudou muito... Atchim! No princípio, a festa da Senhora de Nazareth era diferente. O vício é sedutor, e ele veio de lá, dos amigos franceses. Não havia esse desmedido divertimento, bebedeira, tabaco, nada dessas coisas. Agora, nem sei o que dizer. Seduziu-me por um momento e encontro-me na miséria.

AURELIANO: Então, padrinho. *(Fingindo estar sendo chamado) Oi!? Estão a me chamar? Ouviu, tio? Já estou indo! Tio, foi bom conversar convosco, mas tenho de ir. Vai haver uma apresentação de ópera cabocla no Pavilhão da Flora. Até mais! (Aureliano sai de cena).*

SR. PENANTE: *Atchim!*

AURELIANO: *(Em off) Dominus tecum!*

SR. PENANTE: Agradecido! *Se depender d'hoje em dia, um espirro não serve mais para receber esse Dominus tecum, "que o Senhor esteja contigo!" e sim para dizer que a pessoa tem nariz. Dominus tecum!* (Se despede).

(Sr. Penante sai de cena só para buscar Aureliano da coxia que volta saltitando).

AURELIANO: Conseguimos, meu pai. Terminamos o espetáculo!

(Os dois, alegres, agradecem a recepção do público. João Baena, escondido, chama Aureliano. João conta algo no ouvido de Aureliano que faz uma expressão de surpresa).

AURELIANO: Meu pai. Tenho uma notícia para lhe dar.

SR. PENANTE: Não me venha com nenhuma notícia daquele jornal mentiroso, Aureliano. Ainda mais vindo do Baeninha. Pensa que eu não o vi atrás daquela cortina?

AURELIANO: Não, meu pai. É que o João Baena acabou de me contar uma notícia cabulosa. Ele estava ouvindo atrás da porta...

SR. PENANTE: Atrás da porta, Aureliano? Típico do Baeninha... É típico do João Baena fazer isso.

AURELIANO: Escuta, meu pai. Deixa-me contar primeiro. O João ouviu atrás da porta a mãe dele conversar com a vizinha que o doutor Rodrigues tinha acabado de ser preso pela polícia.

SR. PENANTE: O doutor Rodrigues?

AURELIANO: Sim.

SR. PENANTE: Mas por quê?

AURELIANO: Ele me contou que o doutor Rodrigues foi preso porque ele estava dando para seus pacientes um remédio que fazia com que as pessoas perdessem a memória lentamente. Vários outros pacientes denunciaram e a polícia foi lá e comprovou que ele estava fazendo essa desumanidade.

SR. PENANTE: Espera. Você está me dizendo que o doutor Rodrigues me dava aqueles remédios para que eu perdesse a memória?

AURELIANO: Vós micê e mais outras pessoas também.

SR. PENANTE: Então isso quer dizer que eu não estava com sintoma de velhice, não estava caducando, nem maluco. E também não era preocupação. Era o doutor Rodrigues. Então, eu não esqueci e nem desaprendi a atuar, meu filho. Eu ainda consigo ser aquele mesmo ator que era de antigamente. E tu não acreditavas em mim, não é Aureliano?

AURELIANO: Perdão, meu pai.

SR. PENANTE: Então foi por isso também que eu não encontrava esse meu figurino no armário.

AURELIANO: Esse caso foi diferente, meu pai. É que a mamãe veio aqui na semana passada e como ela sabia que iria apresentar o espetáculo, ela pegou o figurino para lavar no igarapé e consertar um remendo. Por isso, não achamos. Ela não avisou que havia pegado.

SR. PENANTE: Então, foi Leonor? Tudo explicado agora. Mas, o que foi tudo aquilo que aconteceu aqui? Todos aqueles personagens. Toda aquela confusão. Foi real? Parecia real. Não, era real. Não pode

ser outra coisa. (Aureliano toca na testa e pescoço do Sr. Penante) O que está fazendo?

AURELIANO: Examinando se estás com alguma febre. Vós micê passa bem, meu pai? Agora deve ser sintoma da velhice.

SR. PENANTE: Deixa disto, estou perfeitamente bem e feliz! Tu também deveria estar, apresentamos o espetáculo e consegui lembrar de tudo.

AURELIANO: Ah, meu pai. Estou feliz também, admirando o passeio de meus pensamentos, flutuando como as folhas destas árvores que caem ao ritmo do vento.

SR. PENANTE: Já até sei aonde isso vai chegar. Vai... Vai te embora se juntar com o Baeninha... o João Baena.

AURELIANO: Obrigado, pai. Até depois.

(Aureliano sai de cena).

SR. PENANTE: Não teremos esse depois, meu filho. (Para o público) Ah, vocês ainda estão aí? Já que permaneceram comigo aqui, gostaria de agradecer por terem vivenciado um pouco sobre

mim, sobre o teatro, sobre minha história aqui no Grão-Pará, quer dizer, no Pará. Minha vida foi de muitos altos e baixos, como vós micês viram, mas eu não contei tudo. Espero que os que vierem depois de mim, pesquisem minha vida e compartilhem com outras pessoas. Essa foi a minha última apresentação aqui. Espero ter deixado algo importante na vida de vós micês. Chegamos ao ato final e vós micês serão responsáveis pelo meu legado. Eu morrerei, de um ataque cardíaco ou de esquecimento. Vós micês decidem.

(Sr. Penante sai de cena).

- FIM -

2

O PROCESSO CRIATIVO DO PESQUISADOR-DRAMATURGO

“Se o passado nos auxilia frequentemente a compreender o presente, é o presente que estabelece nossa perspectiva histórica. O presente é o ponto de partida de todos os historiadores”.

(O dramaturgo como pesquisador, Bentley, 1987, p. 23).

Início com esta citação de Eric Bentley, para situar nossa presente situação: a necessidade atual em contribuir para a construção da história teatral brasileira, pela perspectiva da região Norte, para valorizar figuras artísticas importantes, mas invisibilizadas no decorrer de sua história. O sentimento que possuímos de querer, de alguma forma, nos conectar com o passado nos leva a encontrar e construir “lugares de memória”, que Pierre Nora (1993) nos apresenta. Para o autor, esses lugares são resíduos de algo que não existe mais.

Nossa reflexão, neste capítulo, oportuniza descrever o ponto de vista de um **pesquisador-dramaturgo**. Este termo refere-se a uma posição estratégica: a de um pesquisador que, baseando-se em uma investigação bibliográfica, documental e historiográfica, vasculha a vida de um personagem importante para a história teatral paraense do século XIX e, a partir disso, utiliza de sua visão artística para contá-la. Mesmo que, neste termo, a palavra pesquisador esteja na frente do dramaturgo, as duas estão sempre alimentando suas verdades, podendo ser vista também pela ótica do **dramaturgo-pesquisador**, porém, decidi optar pela primeira, porque foi a partir desta ordem que o trabalho se configurou.

Tudo o que este trabalho deseja compartilhar originou-se de um processo de estudo e pesquisa sobre a história do teatro paraense com a linguagem dramática. O trabalho desenvolvido iniciou em 2020, na disciplina optativa “Escritas críticas sobre a história do ator no teatro paraense”, do Curso Técnico em Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA (ETDUFPA) e ministrada pelo Professor Dr. José Denis de Oliveira Bezerra. Nesta disciplina, os discentes eram responsáveis por averiguar a história artística de alguns atores e atrizes da cena teatral paraense e compartilhar em um seminário. Através de sorteio, fui escolhido por José de Lima Penante para conhecer sua história, até então, por mim desconhecida. Durante a apresentação do seminário cogitei que escrever uma dramaturgia poderia ser uma das alternativas para compartilhar sua história e, com isso, o professor da disciplina e hoje meu orientador, achando interessante a ideia, me propôs concretizá-la participando de um projeto de pesquisa.

Um dos principais motivos do surgimento desta investigação foi o desejo genuíno de conhecer e partilhar a vida deste artista pouco conhecido atualmente, de uma forma criativa. Para isso, construímos o Plano de Trabalho “José de Lima Penante: *dramatis personae* das memórias teatrais paraenses”, com o objetivo de produzir uma dramaturgia histórico-biográfica baseada nas fontes encontradas sobre a vida e as obras de Lima Penante na segunda metade do século XIX, por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Produção Artística (PIBIPA/ICA/UFPA/2021) e que teve continuidade com o Plano de Trabalho de Iniciação Científica do Ensino Técnico intitulado “José de Lima Penante: memórias teatrais paraenses do século XIX” (PIBIC-ET/UFPA/2022). A partir do momento em que iniciei o trabalho, me vejo participando e vivenciando a pesquisa de modo mais voraz e dedicada, dentro do Grupo de Pesquisa Perau/UFPA/CNPq.

Aqui, baseei-me em fontes bibliográficas tanto de meio eletrônico (artigos, dissertações, teses, livros, periódicos e dramaturgias encontradas na internet), quanto de material físico (livros, dramaturgias e periódicos) para aprofundar nos temas: história, memória, teatro paraense e dramaturgia. Neste levantamento inicial, três obras são o pilar investigativo, pois retrata pedaços da trajetória do artista Lima Penante: *Épocas do Teatro no Grão-Pará, ou Apresentação do Teatro de Época* (Salles, 1994); *O teatro na vida de José de Lima Penante: um ator do século XIX* (Salles, 2000); e *José de Lima Penante e a dramaturgia teatral no Amazonas na segunda metade do século XIX* (Ávila, 2019). Além desses, outros artigos, dissertações e teses (Mello, 1999; Villa-Nova, 2008; Mendes, 2014; Lima, 2016; Ferreira, 2017) sugerem curtas passagens do artista na composição da história teatral de diversas cidades do Norte e Nordeste. Em paralelo à pesquisa sobre Lima Penante, mergulhamos sobre as

temáticas da memória, realizando a leitura dos textos de Nora (1993), Bosi (1979), Assmann (2016), Yates (2007) e Halbwachs (1990), para nos dar suporte desta relação entre memória e história.

Essas fontes foram de extrema importância na construção do meu primeiro texto publicado na Revista “Arteiros – Inquietações EM pesquisas discentes” em 2021, pelo curso de Licenciatura em Teatro da UFPA³. O artigo objetivou apresentar o percurso artístico do ator através de uma viagem metodológica bibliográfica. Para iniciar a criação da obra dramaturgica, foi necessário recorrer a alguns autores que operam com conceitos de dramaturgia (principalmente sobre a caracterização e estrutura) como, Pallottini (2006), Pavis (2008) e Esslin (1978).

A fim de contextualizar, a palavra “Dramaturgia” vem do grego *Dramatourgía* que significa “compor um drama” (Pallottini, 2006) e “Drama” por sua vez, também oriunda do grego, quer dizer “ação, acontecimento”. Dramaturgia, para Pavis (2008), é um conjunto de técnicas e regras teatrais essenciais para a composição, organização e análise de texto dramático, de peças teatrais, porém, como destaca Pallottini (2006), não é um formulário fixo e inflexível para fazer boas peças ou roteiros, mas um espaço de criação.

Quando pensamos na construção desta dramaturgia, que objetivou contar a história de uma figura histórica e real de nossa região, refletimos sobre o que Nunes (2011) diz sobre o papel do historiador, que não cria personagens, fatos e outras informações, mas os descobre em sua pesquisa, fazendo surgir do esquecimento grandes figuras e seus principais atos e que, com nossa intervenção artística, ganham vários outros sentidos e significados ao criar narrativas que suprem as lacunas existentes, pelo menos na ficção.

Afirmo que o processo da criação desta dramaturgia foi um tanto desafiador já que, como declara Magalhães (2021, p. 77), “compor uma peça teatral a partir de algo que já aconteceu, a partir de personagens que são inspiradas em pessoas que já existiram, exige um processo que envolve conhecimento e apropriação para que tal peça seja composta”. Isso exigiu que recorrêssemos os três elementos básicos do dramaturgo historiador: conhecimento, pesquisa e criatividade (*Ibid.*, p. 78).

As informações, a partir desta busca preliminar, foram começando a estruturar uma ideia para a dramaturgia, inspirada nos dados coletados sobre a vida artística de Lima Penante, assim como a história do comediógrafo luso-brasileiro Antônio José da Silva inspirou a escrita da

³ DOS REIS, Rafael Bruno Rodrigues. José de Lima Penante: um ator viajante da segunda metade do século XIX. *Arteiros: Inquietações EM Pesquisas Discentes*, Belém-PA, p. 124 - 131, 01 nov. 2021.

(considerada) primeira obra teatral brasileira *Antônio José ou O Poeta e a Inquisição*, por Gonçalves de Magalhães (Magalhães, 2019).

Construir este texto dramático de cunho histórico-biográfico foi, na realidade, o ato de pesquisar os vestígios e rastros da história de Lima Penante deixados pelos acontecimentos históricos e fixados em fontes bibliográficas e documentais (*Ibid.*). Reconstruir a história e a memória do artista, percorrendo esses lugares historiográficos, é trabalhar com as pequenas peças da engrenagem disponíveis no universo. Enfim, memória e história estão sempre nessa problemática: os seus lugares. Entretanto, os lugares de memória também, de alguma forma, apagam as memórias. Ao reconstruir a história nesses lugares, a memória acaba sendo selecionada, como se fosse um filtro, uma seleção artificial das memórias que os seres humanos querem que seja lembrada (Nora, 1993).

Neste primeiro estudo resolvi focar nas obras e personagens interpretadas pelo ator em sua trajetória para iniciar a escrita da peça. Foram essas personagens que caracterizaram um dos motores embrionários na construção da narrativa dramática. O dramaturgo italiano Luigi Pirandello (1867-1936) escreveu a peça *Seis personagens à procura de um autor* (Pirandello, 2003) que conta a história de seis personagens rejeitados por seu criador e que invadem um ensaio de teatro tentando convencer o diretor daquela companhia a pôr suas vidas sendo interpretadas no palco. Ao ler esta peça, me vi inspirado em dar vida às personagens de Penante, tanto de suas próprias obras quanto de obras de autores diversos.

Considerarei como elementos essenciais da dramaturgia o tema, o enredo, as personagens, o espaço, o tempo e as ações dramáticas. O ponto de partida de uma boa peça dramática, segundo Pallottini (2006), é a elaboração do conteúdo ou mensagem que o autor quer compartilhar. Para isso, utiliza de agentes propagadores da história, as *dramatis personae*. É através do diálogo, ou não, dessas personagens que o conteúdo é transmitido. Para Pavis (2008), as *dramatis personae* são a breve caracterização e nomeação das personagens do drama e que, geralmente, estão visíveis no início da peça teatral como uma lista de personagens. Em relação às personagens da trama, decidimos realizar um levantamento das personagens que Penante interpretou e, a partir disso, pôde-se filtrar o que poderia ou não contribuir para a história (Quadro 1).

Quadro 1 – Lista de personagens que possivelmente foram interpretados por Penante.

Personagem	Dramaturgia	Autor
Alberto ou Teodoro	<i>Dois gênios iguais não fazem liga</i>	Não identificado
Luís	<i>Quem com ferro fere com ferro será ferido</i>	Juvenal Galeno
Gregório	<i>Os dois calvos ou Os gênios opostos</i>	Lima Penante
Camões	<i>O Opulento e Luiz de Camões</i>	Não identificado
Nepomuceno	<i>O ponto</i>	Lima Penante
Thenório	<i>Depois da Festa de Nazareth</i>	Lima Penante
Sr. Wilson	<i>Paixão e traição ou O inglês maquinista</i>	Lima Penante
Luciano	<i>O ator no camarim</i>	Lima Penante
Thenório	<i>A surpresa</i>	Lima Penante
Antônio Ferragio ou Ângelo	<i>Ghigi</i>	Francisco Gomes de Amorim
Lima Penante	<i>Viagem directa por linhas tortas</i>	Lima Penante
“Sedutora”	<i>Ferro e Fogo</i>	José Romano
Mr. Edward	<i>Amor Londrino</i>	Domingos Monteiro
Lima Penante	<i>Ressuscitei</i>	Lima Penante
Mestre Jerônimo	<i>Mestre Jerônimo, o pedreiro português</i>	Não identificado
Califourchon	<i>A corda sensível</i>	António Mendes Leal
Isaías	<i>Amor por Anexins</i>	Artur Azevedo
D. Jaime	<i>José do Telhado</i>	Não identificado
Delannoye	<i>A filha do assassino ou A virgem do mosteiro</i>	Não identificado
Paulo Didier	<i>Lucia Didier</i>	Leon Battu
Procópio	<i>Adão e Eva no paraíso</i>	Lima Penante

Fonte: Salles (1994).

Dessa lista destacamos as personagens: Luís, Nepomuceno, Thenório, Sedutora e Procópio. O critério de escolha deu-se, principalmente, pela relevância da obra e/ou sua disponibilidade de acesso, lembrando que esta lista foi construída a partir dos dados encontrados nas obras de Salles (1994; 2000), Ávila (2019) e de periódicos encontrados em sites de hemerotecas. Existem muitas outras obras realizadas por Lima Penante, porém, não se tem a clareza com relação às personagens destas obras interpretadas por ele.

2.1. O PROTAGONISTA E SUA MEMÓRIA

Já foi mencionado que esta dramaturgia, apresentada no capítulo anterior, consistiu em contar a história de José de Lima Penante. Mas, afinal de contas, quem foi esta figura? Nascido em Belém no dia 11 de setembro de 1840, José de Lima Penante tornou-se ator, dramaturgo, encenador, cenógrafo, empresário do ramo teatral e muitas outras coisas. Considerado um dos primeiros artistas locais a viver profissionalmente de teatro fora da província do Grão-Pará, Penante foi sendo chamado pelo nome de “Sr. Lima Penante”, “Sr. Lima” ou “Sr. Penante” nos vários periódicos da época (Salles, 2000). Para o protagonista de nossa história, demos o nome de Sr. Penante, uma espécie de nome artístico.

Na peça criada nesta pesquisa, intitulada *As memórias do Sr. Penante*, o protagonista representa o próprio ator no ano de 1892, ano de seu falecimento. Aqui, Sr. Penante está se preparando para apresentar a sua comédia *Depois da festa de Nazareth*, junto com seu filho Aureliano, no Theatro da Paz. O que ele não esperava era que começaria a esquecer importantes falas do texto e marcações já ensaiadas para a apresentação. Por conta dessa situação, Sr. Penante é desafiado por seu filho a lembrar como foi sua relação com teatro na infância.

Pouca coisa se sabe sobre a infância de José de Lima Penante, apenas o suficiente para construir o prólogo-1852. Em 1852, temos registro da participação do pequeno Penante no grupinho de teatro da Família Baena e Meninéa que promoviam apresentações destinadas ao público infantil (Salles, 1994). O grupo, conhecido como Sociedade Dramática Particular Philo-Thalia, ficava localizado no Largo das Mercês, próximo ao Teatro Providência (Figura 2). No Prólogo-1852, o menino Penante, junto com os filhos do personagem Sr. Baena (referindo-se à figura do militar e historiador português Antônio Ladislau Monteiro Baena), está ensaiando a peça *A conversão de Philemon e Ariano* (Baena, 1850).⁴ Como é a única dramaturgia de Antônio Baena encontrada, resolvi inseri-la na narrativa para representar este início de Lima Penante no teatro, mesmo não tendo informações de que ela foi encenada por ele.

A conversão de Philemon e Ariano conta a história do flautista de rua Philemon que, com seus dotes artísticos, é convidado pelo clérigo Apollonio a levar uma mensagem de conversão ao governador da Thebaida, Ariano. Porém, durante a conversa com Ariano, Philemon se converte ao catolicismo e leva consigo o governador e outros à conversão.

⁴ Disponível em: <<https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/publication/file/livros/aconversaodephilemon>>.

Figura 2 – Largo das Mercês, atual Praça das Mercês (Teatro Providência à esquerda). Autoria de Joseph Léon. Righini, 1867.



Fonte: Centro de Memória da Amazônia da UFPA.

Os personagens Sr. Baena e Sra. Meninéa, de *As memórias do Sr. Penante*, observando o talento do jovem promissor, concluem que aquele menino “se transformaria futuramente no mais destacado ator paraense desse período” (Salles, 1994, p. 26). Voltando para o tempo atual da peça, Sr. Penante se vê diante do dilema da própria memória: será que está falhando com suas memórias porque está ansioso e preocupado com o espetáculo? Ou serão sintomas de velhice? Um detalhe nessa história toda inicia a jornada do herói: Sr. Penante esqueceu onde havia guardado o seu figurino do espetáculo. Esse, portanto, torna-se seu principal objetivo dentro da trama, o que faz com que o protagonista encontre em seu caminho muitos obstáculos para encontrar esta indumentária (Pallottini, 2006).

Surge a ideia, então, de ter um guarda-roupa com diversos figurinos como elemento importante da trama. Os figurinos das diversas personagens interpretadas pelo Sr. Penante tornam-se suas memorabilias, e a cada roupa que ele vestia, lembranças em forma de personagens apareciam. Por isso que, no início da elaboração da peça, o título era “As memórias do Sr. Penante ou As personagens no armário”; contudo, resolvemos deixar apenas como “As memórias do Sr. Penante”.

Aos 19 anos de idade, Penante começa a trabalhar com o ator Antônio Maximiano da Costa e sua companhia, no Teatro Providência, substituindo atores em suas ausências. Trabalhando com Maximiano, ele teve a oportunidade de dar seus primeiros passos nas praças do Norte e Nordeste a partir de 1860 (Salles, 2000). Chegando na Paraíba, Penante e outros amigos fundaram o teatrinho Ginásio Paraibano (Teatro Santa Cruz) e a Sociedade Dramática

Santa Cruz que ajudou a iniciar a construção do Theatro Santa Roza (Lima, 2016). Esse teatro possui hoje uma placa no seu jardim homenageando Lima Penante, fato interessante para nossa pesquisa, pois é nesta placa que encontramos a suposta imagem do ator em moldura e de perfil (Figura 3).

Figura 3 – Placa do Jardim do Teatro Santa Roza na Paraíba, em homenagem a Lima Penante.



Fonte: Alcântara, 2017.

O fato de o Sr. Penante sair em excursão para trabalho, oportunizou abrir as portas do teatro para suas memórias cênicas. Falo assim porque a partir do momento em que o personagem do Sr. Penante começa a experimentar os figurinos que estão no guarda-roupa, as personagens de várias dramaturgias encenadas por ele, aparecem como se fossem lembranças suas.

A primeira vem da peça teatral do poeta cearense Juvenal Galeno (1836-1931), *Quem com ferro fere com ferro será ferido* (Governo do Estado do Ceará, 2010). A escolha desta obra se deu pelo fato de ser considerada a primeira obra dramática escrita e dirigida por um cearense pela primeira vez no dia 03 de abril de 1861 na Província do Ceará. José de Lima Penante, na ocasião, interpretou o personagem Luís, um agricultor honesto de 50 anos, pai dos jovens Maria e Amâncio. Na dramaturgia de Galeno, este personagem encontra-se num fogo cruzado entre proteger sua filha das garras do delegado corrupto Tenente Amorim e acelerar os preparativos do casamento de Maria com seu noivo Francisco.

Em *As memórias do Sr. Penante*, nosso protagonista veste o figurino do Luís e os personagens de Maria e Tenente Amorim ganham vida e interagem com ele, fazendo com que o ator questione sua própria sobriedade. O Sr. Penante ainda experimenta outros figurinos, ou

seja, visita a memória de outros personagens que já interpretou. Uma delas é da própria obra de Lima Penante *Adão e Eva no paraíso*, que será melhor comentada no próximo tópico.

Ao realizar uma investigação de outra personagem registrada em nosso levantamento, D. Jaime, da peça *José do Telhado*, me deparei com diferentes versões da história, contudo, nenhuma delas faz referência a D. Jaime. Em vista disso, decidi trazer para cena o próprio Zé do Telhado. Escolhi, para isso, a narrativa de Helder Costa que conta a história do herói popular Zé do Telhado e seus capangas que, revoltados com os descasos das autoridades, roubam dos ricos para dar aos pobres e, assim, torna-se o famoso Robin Hood português. Nascimento (2015) indica que este personagem nos faz um convite para refletir sobre o povo oprimido por um governo que ficou parado no tempo do absolutismo. Em nossa narrativa, Sr. Penante veste o figurino do Zé do Telhado para contar a história deste herói ao seu filho mais novo, Rodolfo. Todavia, seus capangas aparecem e acabam levando todos os seus figurinos. Nesta mesma cena, Sr. Penante tem a oportunidade de contar um pouco da história do Theatro da Paz, com informações baseadas em Silveira (2010).

Outra personagem presente na peça é uma figura feminina, muito marcante por interagir com o público prometendo “conquistar um namorado na plateia” (Salles, 2000, p. 12). Ela faz parte da peça *Ferro e Fogo*, do português José Romano, mas por não termos tido acesso à obra durante a pesquisa, não sabemos quem é esta personagem, o seu nome ou seu papel na narrativa original, apenas sua missão de seduzir o público masculino. Por ser um marco importante na história de Lima Penante, atribuí o nome de “Sedutora” para mais uma personagem que o Sr. Penante vestiria na história, objetivando conquistar os capangas do Zé do Telhado e recuperar os figurinos roubados. Esta personagem foi muito marcante nas praças artísticas de Manaus e do Nordeste por muitos anos, recebendo o seguinte comentário de Vicente Salles: “[...], naquela altura da vida, aos 40 anos de idade, já não devia ser, como mulher, lá muito sedutora; mas, como artista, transbordava a tigela” (Salles, 2000, p. 17). Esta personagem nos convida a refletir sobre o que a pessoa de Lima Penante pensava sobre o feminino no século XIX.

Com boa parte da dramaturgia escrita, pude comunicar esses resultados no II Seminário Nacional de Memórias Cênicas na Amazônia, realizado em 2022 pelo Grupo de Pesquisa Perau, disponibilizado no seu canal do YouTube.⁵ Deste trabalho, o artigo “As memórias do Sr.

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/35ouNw-vntc?si=j4lk0pU5uqrdTLd5>>.

Penante: memórias teatrais paraenses do século XIX” foi publicado em um e-book juntamente com outros trabalhos apresentados neste evento.⁶

2.2. AS DRAMATURGIAS PENANTEANAS E O PROCESSO DE ENSINO EM TEATRO

A escrita deste tópico acompanha os resultados obtidos em dois Planos de Trabalho desenvolvidos na Iniciação Científica. Com o encerramento do primeiro PIBIC-ET (2022) escrevi outro Plano de Trabalho (PIBIC-ET/UFPA/2022-2023), cujo objetivo era investigar e analisar as dramaturgias de Lima Penante encontradas. Por meio dessas pesquisas, tive a oportunidade de comunicar alguns dados para outras turmas da Licenciatura em Teatro, como na disciplina “História do Teatro no Pará”, ministrada neste período pela professora Valéria Andrade. Algumas das obras dramáticas escritas por Lima Penante, as quais nomeamos de “Dramaturgias Penanteanas”, foram analisadas após um levantamento documental (Tabela 1).

Tabela 1 – Peças de Lima Penante encontradas na pesquisa.

Ano	Peça
1864	<i>Os dois calvos ou Os gênios opostos</i>
1870	<i>O ponto</i>
1870	<i>Depois da festa de Nazareth</i>
1870	<i>O ator no camarim</i>
1870	<i>Paixão e traição ou O inglês maquinista</i>
1870	<i>A surpresa</i>
1877	<i>O Rocambole</i>
1889	<i>Nhô Manduca</i>
1890	<i>Uma viagem direta por linhas</i>
1890	<i>Adão e Eva no paraíso</i>

Fonte: Do autor, 2024.

Por que esta fase foi importante na construção da dramaturgia? Primeiro porque Lima Penante foi um dramaturgo que escreveu peças retratando os aspectos da vida paraense do século XIX, com seu teor cômico e crítico e que, por isso, outros grupos e artistas as encenavam. Segundo, trazia em suas obras personagens com arquétipos cômicos e populares, como operários, agricultores, estrangeiros decadentes e estudantes boêmios, que representavam situações cotidianas, econômicas e políticas do século XIX no Pará (Ávila, 2019). Essas personagens, pelo menos entre o Renascimento e o início do século XIX, insistiam “na

⁶ DOS REIS, Rafael Bruno Rodrigues. As memórias do Sr. Penante: memórias teatrais paraenses do século XIX. In: BEZERRA, José Denis de Oliveira; STARK, Andrea Carvalho. (Org.) **Peraus das Artes Cênicas**: memórias e performatividades. (E-book). Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2024, p. 85-100.

semelhança com pessoas reais envolvidas numa ação” (Pavis, 2008, p. 229-230) e, nesta escrita, pensamos no drama como “a forma mais concreta na qual a arte pode recriar situações e relacionamentos humanos” (Esslin, 1978, p. 21).

Dentre as dramaturgias penanteanas, escolhi trabalhar com três de suas escritas: *O ponto* (1870), *Depois da festa de Nazareth* (1870) e *Adão e Eva no Paraíso* (1890). As outras foram citadas da mesma maneira como Penante escreveu na obra *A surpresa* (1870): o diálogo era composto pelos nomes de suas dramaturgias.

Em *O ponto*, o personagem principal é Nepomuceno, um estudante que vive despreocupadamente sua vida, amante dos divertimentos noturnos como o baile de máscaras e o jogo de bilhar. Em nossa dramaturgia, Nepomuceno se encanta pela personagem “Sedutora” sem imaginar que é o próprio Sr. Penante, o principal motivo de sua existência. Sua presença em nossa dramaturgia representa as peculiaridades noturnas existentes pelas transformações políticas, econômicas e culturais durante o século XIX, com divertimentos e suas consequências.

Com relação às transformações deste período no Pará, Belém foi palco de uma das grandes mudanças econômicas que modificou toda uma estrutura social e cultural da sociedade: o período da *Belle Époque* paraense. A partir daqui, Belém ficou conhecida como a “cidade das mangueiras”, porque foi a vegetação plantada com o objetivo de representar a modernidade, uma mudança paisagística do novo período urbano, mas que antes era conhecida como “Belém das bananeiras”, pois os naturalistas que visitavam Belém avistaram esta vegetação em maior quantidade, principalmente entre 1850 e 1860 (Soares, 2008).

Este cenário da *Belle Époque* paraense é o pano de fundo da comédia penanteana *Adão e Eva no Paraíso* (Penante, 1890) que, apesar de não ter registros encontrados sobre sua encenação pelo autor, ou qual personagem ele poderia ter interpretado, considere importante acrescentar na história. Três personagens movimentam o enredo: Ernesto, Florentina e Procópio. Os primos, Ernesto e Florentina, são apaixonados um pelo outro, o que faz com que o pai raquítico de Florentina, Procópio, não aprove esta aproximação e decida casar sua filha com um pretendente rico e velho que pode dar uma vida melhor a ela. Em nossa dramaturgia, muitos elementos da peça estão inseridos na cena 04, como os desmaios de Florentina, o teor musicado da peça, a atmosfera poética e filosófica e a criticidade sobre o modo de vida na Belém da *Belle Époque*.

O enredo de *As memórias do Sr. Penante* nos leva até o grande clímax: a reunião de todos os personagens que apareceram na história, causando uma grande confusão e levando o protagonista a pôr a mão no coração e desfalecer no chão. Chegamos a um momento grandioso

e que configura uma passagem real da história de José de Lima Penante. Uma notícia registrada no Jornal do Diário do Gram-Pará revela a suposta morte do Sr. Penante. Após essa informação, descobrimos que ele havia sido vítima de uma falsa notícia que, semanas depois, foi desmentida pelo Jornal Diário de Notícias. Este fato verídico fez com que Lima Penante escrevesse um monólogo conhecido como *Ressuscitei* (Salles, 1994). Em nossa pesquisa, não encontramos nada relacionado a esta escrita, o que nos fez criar um texto que configurasse uma ideia do protagonista ressuscitando de sua “pseudomorte”. Este texto objetivou trazer à cena a cidade de Belém com suas transformações nos oitocentos, e as contribuições de Penante para a arte teatral de Belém e de outras regiões.

A jornada de nosso protagonista encerra com sua aguardada apresentação no Theatro da Paz, com o espetáculo *Depois da festa de Nazareth*. A peça se ambienta no período do Círio de Nazaré, em Belém, e conta a história de Thenório, um funcionário público que adocece e fica sem dinheiro depois que participa de jogos no arraial de Nazaré. O universo representativo do Círio de Nazaré e do teatro, através das lentes do autor José de Lima Penante, foram palco para mais uma comunicação da pesquisa no XII Congresso da ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes), realizada em junho de 2023, em Belém. A comunicação do trabalho intitulado “O Círio de Nazaré do século XIX através da peça ‘Depois da festa de Nazareth’ de José de Lima Penante” compõe o artigo “José de Lima Penante e a dramaturgia do século XIX: análise sobre as dramaturgias penanteanas”, no qual analiso três peças de Penante, sendo submetido para os Anais do Congresso.⁷

A dramaturgia desta pesquisa parecia estar completa, pois pensávamos que não precisava de mais nada, contudo, ações artístico-pedagógicas, pensadas e aplicadas a partir do que já tínhamos construído, nos mostraram uma outra face da escrita.

Buscando informações sobre a infância de Lima Penante em Vicente Salles (2000), encontro os nomes dos seus pais: Rita Maria Santos Penante e Manuel Gonçalves de Lima Penante. O conhecimento sobre o parentesco de Penante oportunizou a construção de um novo momento na história da peça, através de atividades teatrais e pedagógicas desenvolvidas no último Plano de Trabalho, intitulado “As dramaturgias de Lima Penante na cena teatral contemporânea paraense” (PIBIC-PROPESP-UFGA/CNPq/2023-2024). Nosso objetivo neste Plano foi refletir sobre as escritas dramaturgias de Lima Penante, analisando suas produções do século XIX com a atualidade e, a partir disso, desenvolver atividades artístico-pedagógicas.

⁷ A comunicação foi apresentada no Fórum de Graduação da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas – ABRACE, na programação do XII Congresso da Abrace, realizado de 24 a 30 de junho em Belém/PA, na UFGA. O texto estará nos Anais do evento, previsto para ser lançado ainda em 2024.

O primeiro passo foi elaborar uma oficina teatral que pudesse contar a história do teatro paraense do século XVII ao XIX e trabalhar conceitos de memória. A oficina foi elaborada no final de 2023 e consistia em três etapas: 1 – Aplicação do Jogo da Memória da Infância; 2 – Aplicação do Jogo “Trilha do Tempo”; e 3 – Leitura e experimentação cênica com o Prólogo-1852.

A primeira aplicação da oficina foi realizada com alunos do curso de Licenciatura em Teatro da UFPA. Para esta ocasião, adaptei um jogo de tabuleiro, onde se arremessa um dado e as peças se movem com a quantidade de casas mostrada pelo dado, com datas de eventos importantes sobre a história do teatro no Pará nos séculos XVII, XVIII e XIX, tendo como base as informações contidas em Salles (1994). É uma espécie de linha do tempo, que nesse caso será uma trilha (Figura 4). Em seguida, foi realizada a leitura do prólogo-1852 da peça e iniciamos uma experimentação cênica sobre a infância de Lima Penante.

A partir do prólogo-1852 e outros textos sobre Lima Penante, os participantes da oficina foram desafiados a experimentar uma criação de cena baseada na infância do Sr. Penante. Os resultados cênicos foram compartilhados em sala e em seguida discutidos sobre o processo. Os participantes construíram três blocos de cena, sendo que na primeira, dona Rita (mãe de Penante) entrega uma carta ao menino Penante e pede para que ele vá correndo para a casa dos Baena e Meninéa. Após Penante sair de casa, ela é invadida por guardas portugueses da Cabanagem e acabam assassinando dona Rita. A transição de uma cena para a outra é o apagar e acender da luz da sala. A segunda cena mostra o menino Penante batendo na porta da casa dos Baena-Meninéa e lhes entregando a carta. Já a terceira cena, mostra uma parte do ensaio de Penante, Baeninha e José Meninéa, assim como está no prólogo-1852. Com este exercício, fica mais claro que a dramaturgia não foi uma escrita-solo, mas uma construção coletiva, pois, com isso, surgiu o Prólogo-1840.

O Prólogo-1840 retrata um período específico da história paraense: os tempos finais da violenta Revolta da Cabanagem (1835-1840), quando nasce José de Lima Penante. A Cabanagem foi a revolta do período regencial que trouxe uma participação popular afro-indígena, na figura dos cabanos, com a elite portuguesa local, na figura dos colonos, e que interferiu de forma significativa nas atividades culturais na província do Grão-Pará (Bosman, 2011).

Figura 4 – Aplicação do Jogo “Trilha do Tempo” em diferentes espaços e processos.



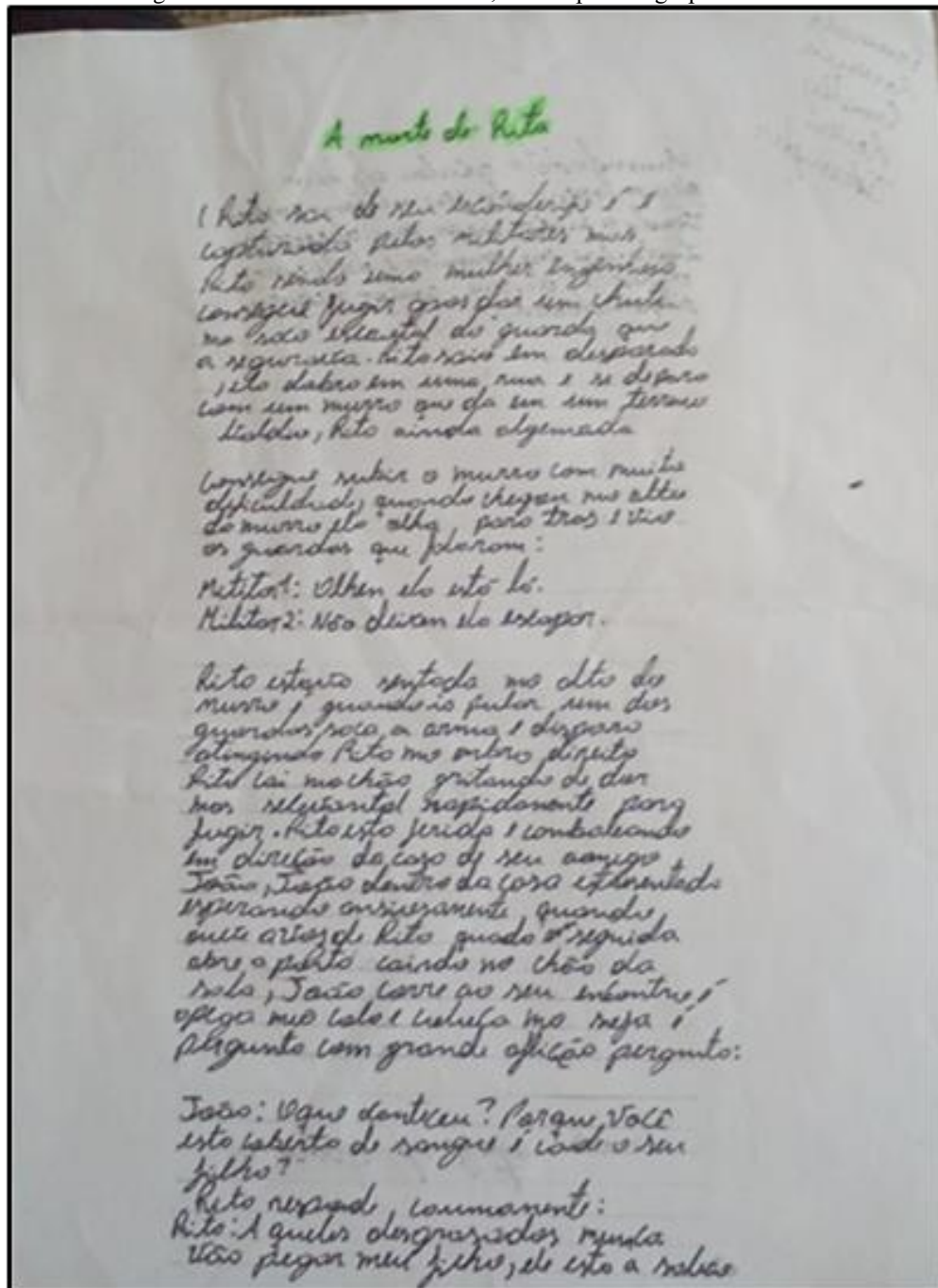
Fonte: Do autor, 2024.

Em nossa dramaturgia, os combatentes militares do governo lusitano estão à procura de uma mulher, de nome Rita, por esta estar compactuando com os grupos cabanos durante a Cabanagem. Rita, com José de Lima Penante recém-nascido, tenta se esconder e fugir da tropa. Após se despistar dos militares, deixa o bebê na porta da residência da família Baena-Meninéa e em seguida é capturada.

Após essa primeira oficina, elaborei outras que dessem continuidade e aplicabilidade em diversos espaços educacionais. Aplicando a mesma oficina na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Consuelo Coelho e Souza, no bairro do 40 horas em Ananindeua, município da região metropolitana de Belém, obtivemos outros resultados. Um deles foi o exercício de elaborar uma escrita dramática referente ao Prólogo-1840 ou 1852, na qual, exemplificando, um grupo de alunos escreveu o texto *A morte de Rita*, tentando pôr um ponto final na história da mãe do Sr. Penante (Figura 5).

Outra oficina, baseada na primeira cena da peça, trouxe um resultado interessante para uma possível visualidade da dramaturgia. A partir do Jogo da HQ, que consiste em realizar um desenho de três momentos da cena e reproduzi-las no corpo, os estudantes registraram suas iconografias.

Figura 5 – Texto “A morte de Rita”, escrito por um grupo de alunos.



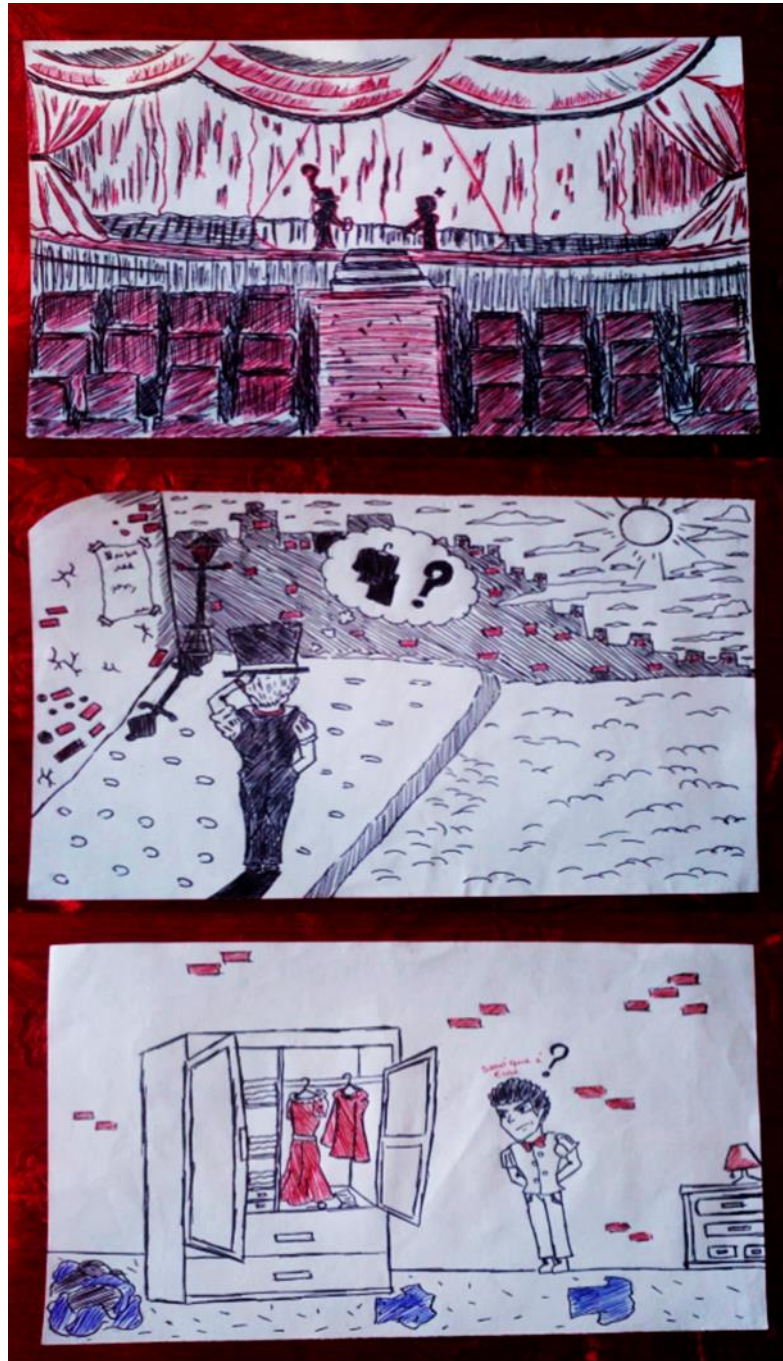
Fonte: Do autor, 2024.

Os desenhos produzidos por um estudante, em destaque neste trabalho, representam o momento em que o Sr. Penante e seu filho Aureliano estão ensaiando o espetáculo no teatro, assim como o momento em que nosso protagonista esquece onde deixou o figurino e, por isso, procura no guarda-roupa (Figura 6).

Essas atividades pedagógicas mostram que a dramaturgia deste trabalho nunca estará inteiramente finalizada, assim como todo espetáculo teatral, pois ela é fonte de criação. Segundo

Reverbel (2009), o mais importante de um trabalho artístico não é seu produto final, mas sim o processo de construção dele, que é mais rico em dados. Os resultados oriundos desses projetos de pesquisa oportunizaram construir, não somente a peça, mas desdobramentos acadêmicos, performáticos e pedagógicos em teatro.

Figura 6 - Desenho de três momentos da cena 1 de *As memórias do Sr. Penante*. Autoria de Gabriel Sheng, 2024.



Fonte: Dados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, esta realmente não é uma conclusão, ou não tem essa finalidade. As *memórias do Sr. Penante* é fruto de um processo de pesquisa que iniciou nos cursos de Licenciatura e do Técnico em Teatro, mas que não pretende estagnar no tempo destes cursos. Quando ingressei na Graduação em Teatro, em 2019, não imaginava o que poderia contribuir para a construção da minha carreira acadêmica e profissional, muito menos o que meu trabalho poderia trazer de importante para a sociedade. Só comecei a tomar ciência dos fatos quando ingressei no Grupo de Pesquisa Perau, em 2021. Através dele, tive a oportunidade de respirar de fato a graduação, participando de eventos importantes, escrevendo artigos, criando performances, oficinas, participando de grupo de estudos e visitando museus e bibliotecas em função da pesquisa.

Durante o processo, dediquei-me a sair da zona artística que se dedica ao processo mais íntimo e pessoal, para adentrar no universo mais externo, da pesquisa histórica e documental. Investigar, palavra do latim *Investigare* (procurar, ir atrás, tentar descobrir), tornou-se um verbo constante em meu percurso acadêmico, no qual, hoje, dedico esta escrita. Este trabalho de pesquisa tem construído um importante acervo sobre a dramaturgia e a vida de Lima Penante através de artigos e outros escritos que, até então, contribuiriam para a organização de alguns lugares de memória do teatro paraense.

Quando Pierre Nora trata dos lugares de memória enfatiza o estudo no meio de dois movimentos, um que ele classifica como “puramente historiográfico”, uma reflexão metalinguística da própria história, a história refletindo sobre a história; e um movimento “propriamente histórico”. Ou seja, aqui neste cruzamento temos uma memória falando da própria memória e a construção de uma história desta memória (Nora, 1993).

Minha experiência enquanto professor dentro deste trabalho foi me instigando a elaborar atividades pedagógicas que foram aplicadas em uma escola. A escola Consuelo Coelho e Souza foi um espaço onde construí uma grande parceria teatro-ensino-pesquisa. Nele, reuni um grupo de alunos do 1º ano interessados em exercitar a linguagem teatral, por meio de oficinas teatrais e ensaiando a nossa peça para ser apresentada. Este trabalho, realizado na escola através do nosso projeto de pesquisa, foi agraciado pelo Prêmio Horácio Schneider na Grande Área de Conhecimento “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Letras e Artes” como Destaque de Iniciação Científica da UFPA neste ano de 2024. Este reconhecimento foi importante, não

somente para mim, mas também para o Grupo de Pesquisa Perau, o meu orientador, para a escola onde o projeto foi concretizado e para a nossa área artística.

Estamos chegando nos fins desta escrita e gostaria de deixar registrado que *As memórias do Sr. Penante* é o resultado de um desejo sério em compartilhar a história de vida do ator e dramaturgo José de Lima Penante. É uma resposta à preocupação em dar destaque à história teatral de nosso povo, tentando não só anexá-la nas literaturas “oficiais” da história brasileira do teatro, mas desejando torná-la parte essencial, evidenciando a região Norte dentro deste processo histórico.

Busco possibilidades de tornar visível as suas contribuições para a memória e a história teatral paraense. E, no decorrer desses quatro anos de pesquisa, pude observar que as lacunas existentes na história podem ser preenchidas, apesar de haver obstáculos relacionados à difícil tarefa para encontrar alguns documentos do século XIX. Podem ser preenchidas de outras formas como, por exemplo, pela criação de uma obra literária dramática.

A dramaturgia construída pode alcançar mais visibilidade para a história do artista e do cenário artístico belenense, além de ser mais um instrumento de estudo e de ensino sob a temática da memória e da história do teatro paraense oitocentista. Este estudo enfatiza a importância da pesquisa historiográfica na área do teatro paraense, assim como o estudo da dramaturgia histórica de figuras importantes que ainda precisam de um olhar atencioso.

Aqui, busco organizar outro olhar sobre a vida e a arte de Lima Penante: através dos olhos de suas *dramatis personae*. Suas personagens ganham vida para contar, por meio da dramaturgia, a memória de nosso primeiro ator profissional, considerado por Vicente Salles, que traçou um percurso fora do Estado. *As memórias do Sr. Penante* é uma peça teatral, em potencial, que pode provocar reflexões, debates, estudos e propagação cultural na área do teatro sob esta versão dramatúrgica e os desdobramentos que ela pode possibilitar futuramente. Você, leitor, que chegou até aqui, dedico as últimas frases do Sr. Penante, nesta dramaturgia: “Chegamos ao ato final e vós micês serão responsáveis pelo meu legado. Eu morrerei, de um ataque cardíaco ou de esquecimento. Vós micês decidem”. Não permitam seu esquecimento!

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016.

ÁVILA, Thais Vasconcelos Franco de Sá. **José de Lima Penante e a dramaturgia teatral no Amazonas na segunda metade do século XIX**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019.

BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. **A conversão de Philemon, e Ariano**: oratório em 3 actos, Pará: Typographia de Santarém e Filho, 1850.

BENTLEY, Eric. **O dramaturgo como pensador**: um estudo da dramaturgia nos tempos modernos. Trad. Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Memórias Cênicas**: poéticas teatrais na cidade de Belém (1957-1990). Belém: IAP, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1979.

BOSMAN, Darlen Cleyre Gomes da Mata. **Revolução da Cabanagem no Grão-Pará e a influência holandesa**. Monografia (Graduação em Língua e Cultura Portuguesas). Universidade de Utreque, Holanda, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. ed.2. Lisboa: Difel, 2002.

ESSLIN, Martin. **Uma anatomia do drama**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

FERREIRA, Ronyere Diversões Populares e Controle Cultural em Teresina: Segunda Metade do Século XIX. **Contraponto** – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v.6, n.1, jan./jun. 2017, p.123-144.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Quem com ferro fere, com ferro será ferido + Canções da Escola**: Juvenal Galeno. 1ª e 2ª eds. Fortaleza: Secretaria da Cultura, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LIMA, Duílio Pereira da Cunha. **Encenação Tabajara (1975-2000)**: memórias, tendências e perspectivas no teatro de João Pessoa. 2016. 319f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade), Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

MAGALHÃES, Yuri de Andrade. **A dramaturgia como reescrita da história**. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

MAGALHÃES, Yuri de Andrade. A dramaturgia a partir dos rastros da história. **Anais do X Congresso da ABRACE**. v.19, n. 1, 2018, Natal/RN, 2019.

MELO, Ângela Maria de Carvalho. **Um século de contribuições para a história do teatro na cidade do Natal: 1840-1940**. Monografia (disciplina Pesquisa História II do Curso de História – Universidade Federal do Grande Norte), Natal, 1999.

MENDES, Jacqueline Silva. **Crônica do Teatro Ludovicense em meados do século XIX (1852-1867): arte, negócio e entretenimento**. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, cap.1, p. 09-29.

NASCIMENTO, Caroline de Almeida. **Uma leitura intertextual da História e da Literatura Portugueses por Helder Costa**. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História**, v.10. São Paulo, PUC-SP, dez. 1993.

NUNES, Daniela. Pesquisa historiográfica: desafios e caminhos. **Revista de Teoria da História**. Ano 2, n.5, jun.2011.

PALLOTTINI, Renata. **O que é dramaturgia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PENANTE, Lima. **Adão e Eva no Paraíso: comédia em 1 acto**. Pará: Typographia do Livro do Povo, 1890.

PENANTE, José de Lima. **Scenas cômicas**. Maranhão: Typ. do Frias, 1870.

PIRANDELLO, Luigi. **Seis personagens à procura de um autor**. trad. Fernando Correa Fonseca. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda., 2003

REVERBEL, Olga Garcia. **Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira De História & Ciências Sociais**, 1(1), 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 06 set. 2024.

SALLES, Vicente. (1931) **O teatro na vida de José de Lima Penante: um ator do século XIX**. Brasília: Microedição do autor, 2000.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**. Tomo I. Belém: EDUFPA, 1994.

SILVEIRA, Rose. **Histórias invisíveis do Teatro da Paz**: da construção à primeira reforma. Belém do Grão-Pará (1869-1890). Belém: Paka-Tatu, 2010.

SOARES, Karol Gillet. **As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências, Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

VILLA-NOVA, Simone. **Sociabilidade e cultura**: a história dos “pequenos teatros” na cidade de Manaus (1859-1900). Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas, 2008.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória**. trad. Flavia Bancher. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.